



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Passado recente e futuro próximo dos Estados Unidos da América e da República Popular da China - Indicadores e análise económica**

Miguel Moreira Melim

Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência

Orientador:

Prof. Doutor Nuno Crespo, Professor Associado e Diretor do Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência, Departamento de Economia  
ISCTE-IUL

Coorientadora:

Prof. Doutora Maria João Tomás, Professora Auxiliar, Departamento de Economia  
ISCTE-IUL

Outubro, 2022



**BUSINESS  
SCHOOL**

---

Departamento de Economia

**Passado recente e futuro próximo dos Estados Unidos da América e da República Popular da China - Indicadores e análise económica**

Miguel Moreira Melim

Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência

Orientador:

Prof. Doutor Nuno Crespo, Professor Associado e Diretor do Mestrado em Economia da Empresa e da Concorrência, Departamento de Economia  
ISCTE-IUL

Coorientadora:

Prof. Doutora Maria João Tomás, Professora Auxiliar, Departamento de Economia  
ISCTE-IUL

Outubro, 2022

“Power is not an institution, and not a structure; neither is it a certain strength we are endowed with; it is the name that one attributes to a complex strategical situation in a particular society.”

Michel Foucault, 1977



## **Agradecimento**

Aos professores, Doutor Nuno Miguel Crespo e Doutora Maria João Tomás, pelo apoio durante todo o período de preparação desta dissertação. O seu conhecimento e experiência foram bastante enriquecedores e contribuíram para a linha condutora deste trabalho. As suas qualidades humanas, espelhadas na simpatia e motivação, foram também um contributo inestimável ao longo de todo o tempo.

Ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), aos Professores e aos colegas que, desde o primeiro dia da licenciatura até ao último dia do mestrado, contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento a todos os níveis.

À minha família, por todo o apoio e pelo ensino dos princípios que hoje me guiam e, em especial, à minha companhia de todos os dias.



## Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo uma análise comparativa das economias dos Estados Unidos da América e da República Popular da China, através de indicadores económicos específicos. Concretamente, esta dissertação visa averiguar a possibilidade da República Popular da China superar os Estados Unidos da América em termos económicos e o impacto que esta ascensão terá na ordem mundial.

Para o efeito, analisámos e comparamos os seguintes indicadores económicos: população, Produto Interno Bruto, Produto Interno Bruto *per capita*, taxa de desemprego, empresas unicórnio, taxa de inflação, moeda, exportações, empresas tecnológicas e dívida pública. Este estudo focou-se em dados estatísticos reais relativos aos anos 2015-2022, bem como, previsões de dados relativos aos anos 2023-2025. Foram ainda considerados os efeitos de acordos económicos como a *The Belt and Road Initiative*, da pandemia de COVID-19 e do conflito russo-ucraniana na situação económica da República Popular da China e dos Estados Unidos da América.

As conclusões a que chegámos sugerem que a República Popular da China poderá, num futuro próximo, ultrapassar os Estados Unidos da América em termos económicos e, no geral, enquanto potência hegemónica. Porém, o desenrolar de alguns acontecimentos como a celebração de acordos económicos, o desencadear de uma pandemia e o despoletar de um conflito armado poderão ter um impacto significativo nas previsões.

Palavras-Chave: Acordos Económicos, Crescimento Económico, Estados Unidos da América, Indicadores Económicos, República Popular da China, *The Belt and Road Initiative*





## Abstract

The main objective of this dissertation is a comparative analysis of the economies of the United States of America and the People's Republic of China, through specific economic indicators. Specifically, this dissertation aims to investigate the possibility of the People's Republic of China overcoming the United States of America in economic terms and the impact that this rise will have on the world order.

For this purpose, we analyzed and compared the following economic indicators: population, Gross Domestic Product, Gross Domestic Product *per capita*, unemployment rate, unicorn companies, inflation rate, currency, exports, technological companies and public debt. This study focused on actual statistical data for the years 2015-2022, as well as forecast data for the years 2023-2025. The effects of economic agreements such as The Belt and Road Initiative, the COVID-19 pandemic and the Russo Ukrainian conflict on the economic situation of the People's Republic of China and the United States of America were also considered.

The conclusions we have reached suggest that the People's Republic of China may, in the near future, overtake the United States of America in economic terms and, in general, as a hegemonic power. However, the development of some events such as the conclusion of economic agreements, the outbreak of a pandemic and the emergence of an armed conflict could have a significant impact on the forecasts.

Keywords: Economic Agreements, Economic Growth, Economic Indicators, People's Republic of China, The Belt and Road Initiative, United States of America



# Índice

Agradecimento.....	i
Resumo .....	iii
Abstract.....	v
Índice.....	vii
Índice de Gráficos.....	viii
Índice de Figuras .....	viii
Glossário de siglas .....	ix
Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico: Sistema internacional e geoestratégia.....	3
2. China.....	7
2.1. Ascensão e glocalização .....	7
2.2. Indicadores económicos.....	9
2.3. Impacto da pandemia de COVID-19 na economia .....	15
2.4. Crise da cadeia de abastecimento.....	15
2.5. Queda das empresas imobiliárias .....	18
3. BRI e projeção económica .....	21
3.1. Substituição do dólar .....	24
3.2. Resposta dos EUA.....	25
3.3. Transparência e supervisão global .....	26
3.4. Acordo RCEP .....	27
4. EUA.....	29
4.1 Hegemonia norte-americana .....	29
4.2 Globalização e dólar como moeda de referência.....	30
4.3 Indicadores económicos.....	32
4.4. Crise da cadeia de abastecimento.....	36
5. Análise comparada entre China e EUA: Indicadores económicos .....	39
6. Impacto do conflito russo-ucraniano na economia dos EUA e da China.....	49
7. Indicadores económicos de futuro próximo dos EUA e da China .....	51
Conclusões .....	53
Referências bibliográficas .....	57

## Índice de Gráficos

Gráfico 1. População total da China, em milhões (2015-2025). Fonte: Statistica .....	9
Gráfico 2. PIB da China, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica .....	10
Gráfico 3. PIB per capita da China, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica .....	12
Gráfico 4. Desemprego na China (%). Fonte: Statistica.....	13
Gráfico 5. Inflação na China (%). Fonte: Statistica .....	14
Gráfico 6. População total dos EUA, em milhões (2015-2025). Fonte: Statistica .....	32
Gráfico 7. PIB dos EUA, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica.....	33
Gráfico 8. PIB per capita dos EUA, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica.....	34
Gráfico 9. Desemprego nos EUA (%). Fonte: Statistica .....	35
Gráfico 10. A inflação nos EUA (%). Fonte: Statistica.....	36
Gráfico 11. A população total dos EUA e da China, em milhões (2015-2025). Fonte: Statistica .....	39
Gráfico 12. O PIB dos EUA e da China, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica .....	40
Gráfico 13. O PIB per capita dos EUA e da China em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica .....	41
Gráfico 14. O desemprego nos EUA e na China (%). Fonte: Statistica .....	42
Gráfico 15. Número de empresas unicórnio nos EUA e na China. Fonte: Statistica .....	43
Gráfico 16. A inflação nos EUA e na China (%). Fonte: Statistica .....	44
Gráfico 17. Evolução do renminbi face ao dólar. Fonte: Statistica .....	45
Gráfico 18. Volume de exportações dos EUA e da China, em milhões. Fonte: Statistica .....	46
Gráfico 19. Número de empresas tecnológicas nos EUA e na China. Fonte: Statistica.....	47
Gráfico 20. Dívida pública nos EUA e na China, em milhões de dólares. Fonte: Statistica .....	48

## Índice de Figuras

Figura 1. Os seis corredores do BRI. Fonte: IPS Journal .....	22
---	----

## Glossário de siglas

APEC – Cooperação Económica Ásia-Pacífico

ASEAN – Associação de Nações do Sudeste Asiático

BA – Acordo de Bangkok

BRI – *The Belt and Road Initiative*

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

COVID-19 - Doença do Coronavírus de 2019

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

NAFTA – Acordo de Livre Comércio da América do Norte

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OCE – Organização de Cooperação Económica

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RCEP – Parceria Económica Regional Abrangente

SAARC – Associação da Ásia do Sul para a Cooperação Regional

SWIFT – Sociedade para as Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais

TPP – Acordo de Parceria Transpacífico

TTIP – Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento

UE – União Europeia

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



## Introdução

Os EUA são a maior potência mundial desde de 1945. Durante e após a Guerra Fria, a sua economia, tecnologia e capacidade militar era substancialmente mais avançada do que a do seu país rival, a URSS. Com o colapso da URSS em 1991, os EUA aumentaram a sua predominância já que esta queda contribuiu para que muitos países do antigo bloco soviético se voltassem para os EUA à procura de apoio (Jacques, 2012).

A criação de instituições multinacionais como o FMI, a ONU e a OTAN veio acentuar ainda mais a influência dos EUA a nível mundial. Os EUA foram, aliás, dos primeiros países a sustentar a criação destas instituições que se tornaram bastante influentes no panorama internacional e são hoje vistas como um legado deste país.

O dólar americano (doravante, apenas “dólar”) é hoje uma moeda de referência mundial, sendo que grande parte do comércio é realizado em dólares e a maioria das reservas são constituídas por esta moeda.

A presença e permanência militar dos EUA em diversos territórios contribuiu também para que os EUA fossem apelidados de “superpotência” e “unipolaridade”, criando assim uma nova ordem mundial (Jacques, 2012).

Recentemente entrou em cena um país que “ameaça” o protagonismo norte-americano, a República Popular da China (doravante, apenas “China”). Os crescimentos económicos, tecnológicos, sociais e empresariais da China têm aumentado de forma constante anualmente, podendo este país vir a ultrapassar os EUA, tornando-se assim a maior potência mundial.

Na atualidade, testemunhamos uma mudança histórica de poder que está a ser reforçada. Um dos maiores exemplos disso é o PIB da China que tem crescido consistentemente cerca de 10% por ano face ao ano anterior, embora tenha desacelerado ligeiramente nos últimos 10 anos (Statistica, 2020). A China adquiriu também empresas com alguma importância a nível mundial, como é o caso da marca automóvel Volvo, investiu na empresa tecnológica Lenovo, e adquiriu reservas de minerais e hidrocarbonetos, nomeadamente de gás natural, carvão e petróleo.

Um dos mais recentes projetos económicos da China que terá impacto internacional é o BRI. O objetivo desta iniciativa é promover uma plataforma de cooperação internacional que alcance uma ligação política, de infraestruturas, comercial e entre cidadãos. Este projeto esclarece quais são as ambições da China e é uma parte central do seu plano (Tomás, 2021).

O objectivo desta dissertação é analisar de forma comparativa as economias dos EUA e da China, através de diversos indicadores de modo a concluir se e quando será possível que a China ultrapasse os EUA enquanto potência económica. Para tal serão analisados dados relativos aos seguintes indicadores económicos: população, Produto Interno Bruto, Produto Interno Bruto *per capita*, taxa de desemprego, empresas unicórnio, taxa de inflação, moeda, exportações, empresas tecnológicas e dívida pública.

Os dados apresentados são referentes aos anos 2015-2025, e foram obtidos através do software de métodos estatísticos, Statistica. O processamento dos dados e a elaboração dos gráficos foram realizados pelo software aplicativo, Statistical Package for the Social Science.



# 1. Enquadramento teórico: Sistema internacional e geoestratégia

Como já foi referido, os EUA têm, desde de 1945, um papel preponderante na política e economia mundial, nomeadamente em organizações e instituições internacionais, onde têm uma influência considerada chave em assuntos fundamentais. Deste modo, a sua influência mundial continuará a ser importante nas próximas décadas (Foot & Walter, 2011).

Ao mesmo tempo que os EUA são influenciadores globais, a influência da China nos mercados internacionais e a sua diplomacia ativa em diversos países e regiões, demonstram claramente o seu crescimento e potencial para moldar a ordem mundial do século XXI e diminuir o papel de liderança dos EUA em certos contextos (Foot & Walter, 2011).

Questiona-se hoje se o sistema internacional unipolar pós-Guerra Fria é sustentável ou se faz sentido existir uma multipolaridade. Uma época de unipolaridade norte-americana sem precedentes parece estar a terminar, à medida que a ascensão da China mudou a distribuição subjacente de poder no sistema internacional (Tunsjø, 2018). Apesar da China ainda não estar no mesmo patamar de poder agregado, este país reduziu significativamente a diferença de poder em relação aos EUA. Nenhum outro país é desenvolvido o suficiente para competir com estes dois países, sendo que estes dois Estados são agora mais poderosos do que qualquer terceiro. Isto implicou uma mudança da estrutura do sistema internacional de unipolaridade para bipolaridade (Tunsjø, 2018). Para autores como Kenneth N. Waltz (1995), um sistema político e económico bipolar é mais estável do que um sistema multipolar, já que o comportamento dos Estados é diferente em sistemas bipolar e multipolares. Geralmente, os sistemas bipolares são mais afetados pela geopolítica.

O sistema internacional de modelo bipolar influencia hoje a ordem global que é liderada pelos EUA e pela China. Porém, por mais influentes que estes dois países sejam, ambos atuam dentro das mesmas esferas de autoridade, nomeadamente com instituições e acordos internacionais que limitam as ações e comportamentos de todos os Estados (Foot & Walter, 2011). O sistema internacional é uma arena que inclui atores e processos não oficiais que nem sempre operam de forma coexistente com os espaços territoriais, muitas vezes associados aos Estados e países (Rosenau, 1997) (Foot & Walter, 2011). Desta forma, os autores da sociedade exercem influência em assuntos políticos, económicos e sociais. O conceito de ordem internacional é bastante complexo, com mais de cinquenta noções diferentes (Alagappa, 2003: 36) (Foot & Walter, 2011). Steve Chan refere-se ao conceito de ordem internacional como “um arranjo existente entre os atores políticos relevantes; uma visão que delinea um futuro, um conjunto preferencial de relações; ou conduta política real da qual podemos discernir a atitude ampla de um país em relação à ordem internacional” (1999: 197). O autor G. John Ikenberry (2001) analisou que, durante a Guerra Fria, a coexistência de duas posições políticas antagónicas entre o Ocidente e o Oriente fez com que a ordem liberal ocidental com base

em regras e instituições se tornasse uma nova ordem internacional que se mantém até à atualidade.

Hoje assistimos a uma repartição do poder no sistema internacional com a mudança do *status quo* da China para superpotência. Como foi referido por Robert J. Art (2010) “Nunca antes na história um estado cresceu tanto, tão rápido, em tantas dimensões de poder”. Note-se que em 1980, a economia da China era menor do que a economia da Holanda; entretanto, o crescimento da economia chinesa só no ano de 2014 foi igual ao crescimento de toda a economia na história da Holanda (Tunsjø, 2018).

Para medir o crescimento exponencial da China e compará-lo com o dos EUA é essencial entender que todos indicadores são relevantes porque permitem analisar vários aspectos da atividade económica nacional e mundial (Banco Mundial, 2022). Conforme os países produzem bens e serviços, e os consomem internamente ou negociam internacionalmente, os indicadores medem os níveis e alterações no tamanho e estruturas das diferentes economias. Esses indicadores têm a capacidade de medir o crescimento, ou a contração do crescimento de uma economia (Banco Mundial, 2022).

Os indicadores económicos mais utilizados para medir o desempenho macroeconómico de um país são: o PIB, o PIB *per capita*, o volume de exportações, a população total, a taxa de desemprego, entre muitos outros que irão ser analisados ao longo desta dissertação.

A China tem um plano de geoestratégia que envolve expandir e solidificar a sua posição económica e militar a nível global (Massamba, 2021). Ye Zicheng (2021) identifica os três pilares que a China considera fundamentais para o seu plano geoestratégico: integridade territorial e soberania nacional; estabilidade regional alinhada com a segurança geopolítica das suas fronteiras; e influência global alicerçada à posição como potência e parceiro comercial mundial. O último pilar está assente numa estratégia para a contrariar a influência da hegemonia norte-americana. A adesão à Organização Mundial do Comércio em 2001 foi um dos muitos movimentos geoestratégicos para a China promover os seus interesses económicos através de parcerias comerciais (Massamba, 2021).

Um dos objetivos geoestratégicos da China é estabelecer relações político-económicas com os países vizinhos do sul da Ásia. A China considera que esta é uma oportunidade para ganhar o apoio dos países vizinhos através de investimentos financeiros em infraestruturas (Anwar, 2020) (Massamba, 2021). A região do sul da Ásia é marcada por várias divergências e as opiniões acerca da possibilidade de cooperação com a China diferem entre países. Por um lado, o Paquistão, o Sri Lanka, o Nepal e o Afeganistão apoiam a China. Por outro lado, a Índia não se alia aos planos chineses. A falta de apoio da Índia está associada ao facto de este país ver a China como um adversário e concorrente (Anwar, 2020) (Massamba, 2021).

O sul da Ásia é a primeira região onde a China vê possibilidades para avançar com o seu plano de crescimento. As duas principais condições que fundamentam o interesse chinês nesta região de modo a alavancar o BRI são a facilidade de incorporação do BRI nas camadas sociais, políticas e económicas, e o facto de a interligação criar uma organização geopolítica vantajosa para os objetivos chineses (Massamba, 2021).

Em 2017, os EUA saíram do acordo TPP e, desta forma, a China viu uma oportunidade para se tornar o país dominante na Ásia. “Seja no sul da Ásia, no sudeste da Ásia ou no leste da Ásia, o principal objetivo da política externa da China, conforme declarado pelo governo, é garantir a estabilidade regional, fomentando os princípios do bom estado-relações entre Estados nas relações internacionais por meio do respeito mútuo, da cooperação *win-win* e da promoção da equidade e da justiça” (Baruah & Panda, 2019) (Massamba, 2021).

O sul da Ásia, tal como todo o mundo, foi atingido pela pandemia COVID-19 que afetou de forma acentuada a cadeia de abastecimento. As produções foram temporariamente suspensas, as fábricas fechadas e cidades inteiras pararam. Quando a pandemia atingiu o seu pico, as empresas multinacionais com fábricas na China tiveram de suspender o fabrico dos seus produtos por falta de componentes. A magnitude da pandemia COVID-19 teve impacto nas principais economias do mundo, nomeadamente nos EUA, no Japão, na Alemanha, no Reino Unido, em Itália, em França e na China. Saliente-se que estes países juntos representam cerca de 60% da oferta e procura mundial (Baldwin & Tomiura, 2020) (Massamba, 2021).



## 2. China

### 2.1. Ascensão e glocalização

O surgimento da China como potência económica mundial e sua crescente influência política refletem os desenvolvimentos da teoria da transição de poder. A transformação global que sinaliza uma mudança de poder em direção à China tem sido interpretada por investigadores que imaginam que a China substituiu os EUA (Danner & Martín, 2019) (Lemke & Tammen, 2003) (Tomás, 2021). Esta ascensão baseia-se no crescimento económico e na expansão do comércio, mas também envolve outros fatores como o investimento e a formação militar (Massamba, 2021). Isto provoca uma mudança estrutural do panorama internacional (Lai, 2011), e resulta num processo constante de alteração de políticas nacionais e mecanismos institucionais, como os de defesa e de comércio, que são definidos para promover mudanças ou manter o *status quo*. A ascensão da China é interpretada como um desafio para os EUA.

As tensões recentes resultantes da política comercial da China dão cada vez mais credibilidade a esta teoria da transição de poder.

A ascensão da China está associada ao seu crescimento económico, à sua expansão comercial, e à sua evolução militar. A China tem ambições militares incluídas na sua estratégia nacional, procurando implementar “o grande rejuvenescimento” da nação chinesa (Xi, 2021). Um relatório do Departamento de Defesa dos EUA discute o objetivo do Exército de Libertação Popular de alcançar níveis militares de “classe mundial” até o final de 2049: “Dentro do conteúdo da estratégia nacional da China, é provável que Pequim procure desenvolver um exército durante este século que seja igual – ou em alguns casos superior – ao exército, ou de qualquer outra grande potência que a China veja como uma ameaça” (Department of Defense, 2020: i) (Tomás, 2021).

O crescimento económico chinês começou com a abertura da sua economia em 1978. Essa abertura económica não foi acompanhada de reformas políticas, mas isso não impediu que a China tivesse o seu próprio processo de crescimento económico. Nas últimas décadas, este crescimento económico contribuiu para acelerar a integração global dos mercados e a convergência das preferências dos consumidores, mostrando que a globalização não é um processo homogêneo. Ao operarem numa escala mundial, as empresas chinesas conseguiram adaptar-se através da criação de estratégias de internacionalização para entrar nos mercados nacionais, competindo com marcas que já existem há décadas. Essa glocalização tem sido fundamental para o sucesso do mercado chinês em termos internacionais (Gianinazzi, 2018) (Tomás, 2021).

A glocalização das empresas chinesas consiste em integrar características culturais locais às estratégias das suas marcas, adaptando-se à cultura, à sociedade e ao mercado local. Essas estratégias acabam por ser decisivas tendo em conta que a cultura é decisiva nos padrões de consumo e de comportamento. A adaptação

aos padrões morais, hábitos e tradições locais permite que a marca ou produto seja aceite no mercado alvo da internacionalização, permitindo uma maior vantagem competitiva. Por outro lado, é facilitada a comunicação final com o cliente com campanhas de marketing eficazes, capazes de apelar ao consumo da marca ou produto. Essas habilidades transculturais são responsáveis pela globalização bem-sucedida das empresas chinesas porque se adaptam ao mercado local (Hofstede, 2010) (Tomás, 2021).

A globalização é também reforçada pelo princípio que a China tem de não se envolver nos assuntos internos de cada país e de não procurar provocar mudanças de regime. Os Cinco Princípios de Coexistência Pacífica permanecem hoje válidos: o respeito mútuo pela integridade e soberania territorial, a não ingerência nos assuntos internos, a igualdade e benefício mútuo e a coexistência pacífica. Esta política é complementada com o multilateralismo, que garante relações bilaterais com países de todo o mundo (Chen, 2016) (Grauer, 1989) (Tomás, 2021).

No entanto, a segurança dos cidadãos chineses no exterior, particularmente em áreas de instabilidade política como o Médio Oriente e alguns países africanos, levou ao desenvolvimento de uma maior capacidade militar para proteger os seus próprios interesses. Exemplo disso é a base militar chinesa em Djibuti, o porto de Gwadar no Paquistão, assim como outros portos do Médio Oriente. Esta estratégia também fortalece a posição política da China nesses países. A China desenvolveu um programa de modernização da sua força militar, aumentando sua capacidade de intervenção. Não se espera que esta força seja usada, a menos que seja para o país se afirmar diante dos seus vizinhos do Leste Asiático, no controle do Mar da China, ou para mostrar força em Hong Kong, em Taiwan ou no Tibete. A longa tradição da China demonstra que só entrará em guerra quando provocada ou quando os seus interesses e soberania forem ameaçados (Erickson *et al.*, 2019) (Tomás, 2021).

## 2.2. Indicadores económicos

### População

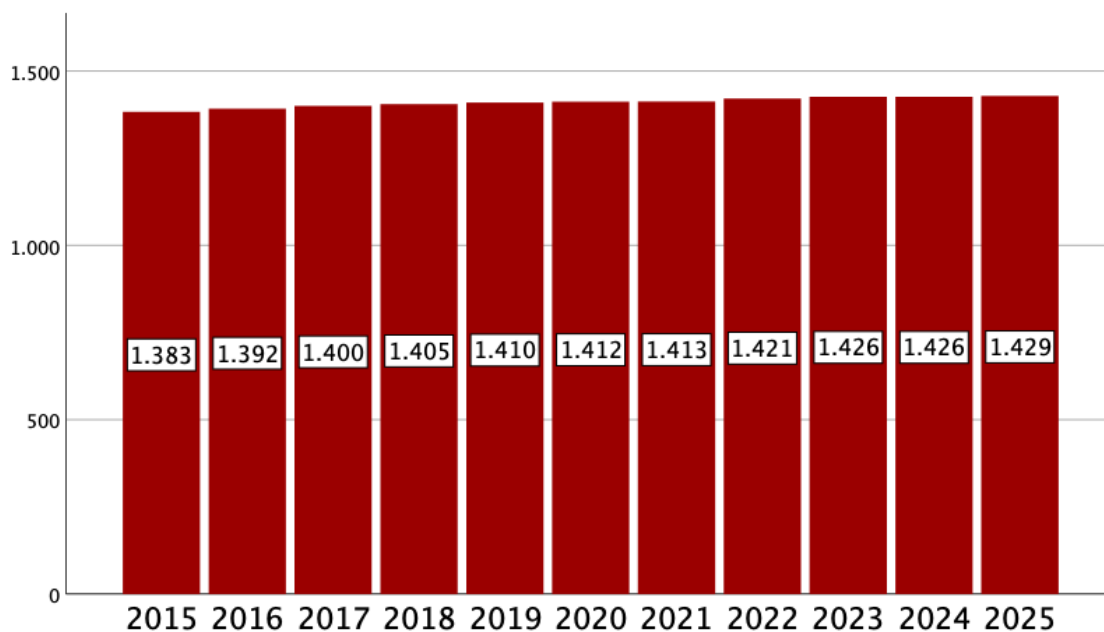


Gráfico 1. População total da China, em milhões (2015-2025). Fonte: Statista

A China é atualmente o país com a maior população no mundo, com cerca de 1.413 milhões de pessoas, equivale a 18,4% da população mundial (Worldometers, 2020). A densidade populacional na China é de 154 habitantes por quilômetro quadrado. Cerca de 60,8% da população chinesa vive nas cidades, ou seja, mais de metade da população é urbana. Na década de 1950 a China passou por um processo de crescimento populacional acentuado, considerando que no espaço de três décadas a população chinesa duplicou. A explosão demográfica foi de tal forma significativa que foi implementada a Política do Filho Único entre os anos 1978 e 2015.

Posteriormente, e como podemos observar no Gráfico 1, entre 2015 e 2022 a população cresceu em cerca de 29 milhões, de 1.383 milhões para 1.421 milhões de pessoas e a tendência é de que este crescimento continue constante. Aliás, em 2025 espera-se que a população chinesa atinja os 1.429 milhões.

Atualmente, a população da China é uma das mais jovens do mundo, com a idade média nos 38,4 anos (Worldometers, 2020).

## PIB

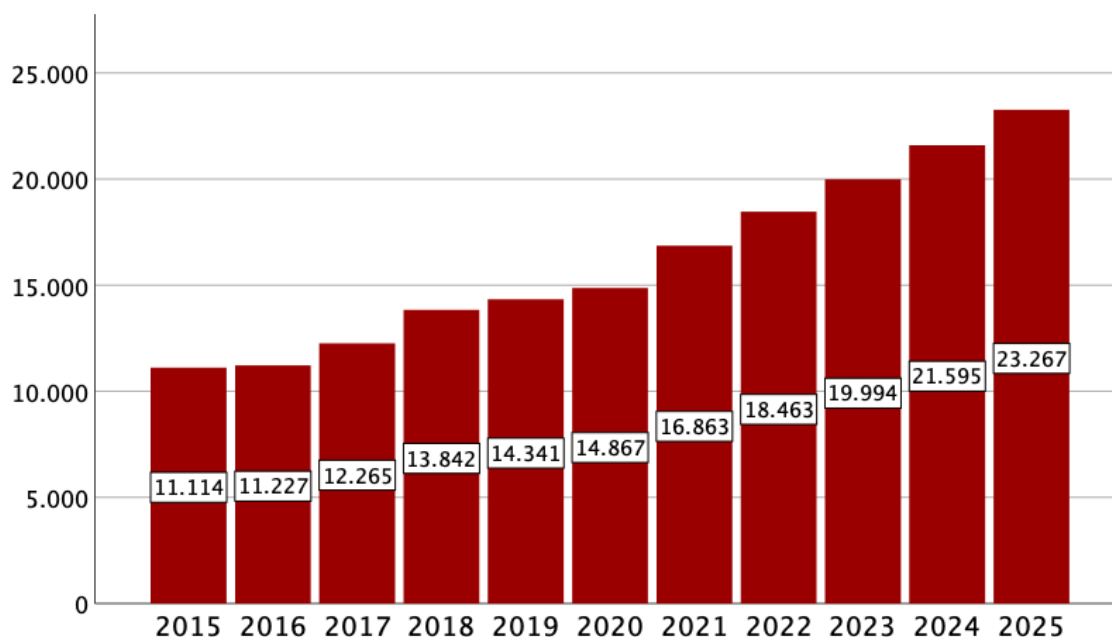


Gráfico 2. PIB da China, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statista

O PIB equivale ao montante de bens e serviços que um país produz num determinado ano.<sup>1</sup> Esse valor é referente à produção efetuada dentro do país, sendo que essa produção pode ser realizada por empresas nacionais ou estrangeiras. O PIB é um dos agregados macroeconómicos que representa o conjunto das operações efetuadas durante o ano.

De modo a contabilizar o PIB soma-se o consumo privado, o consumo público, os investimentos das empresas e as exportações líquidas. Este indicador é fundamental na avaliação e na elaboração da política económica e na construção de juízos, expectativas e até mesmo decisões a nível microeconómico (Instituto Nacional de Estatística, 2013).

O PIB representa o resultado final da atividade económica dos residentes num determinado território, num dado período de tempo (trimestral, semestral ou anual) (Instituto Nacional de Estatística, 2013).

Este indicador pode ser medido de três formas diferentes: pode ser medido na ótica da oferta ou da produção, em que o PIB é a soma do valor acrescentado bruto com o acréscimo dos impostos líquidos de subsídios sobre os produtos; pode ser medido na ótica da procura ou da despesa, em que o PIB é a soma das despesas de consumo final das famílias que vivem no país, das instituições sem fim lucrativo e das administrações públicas com o investimento e as exportações líquidas de importações; e pode ser medido na

<sup>1</sup> Fonte: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$produto-interno-bruto-\(pib\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$produto-interno-bruto-(pib))



ótica do rendimento, em que o PIB é a soma dos salários, dos impostos líquidos de subsídios sobre a produção e importação e do excedente bruto de exploração (Instituto Nacional de Estatística, 2013).

No primeiro trimestre de 2022 a economia chinesa cresceu cerca de 4,8%. No segundo trimestre houve um desaceleramento no crescimento desta economia que cresceu apenas 0,4%.<sup>2</sup> O resultado do primeiro trimestre foi descrito como uma “conquista suada” e alertou para um risco de estagnação da economia mundial, devido ao impacto da pandemia de COVID-19 e do mais recente conflito russo-ucraniano. Apesar disso, a China tem uma expectativa de crescimento de 5,5% do PIB este ano, sendo que em 2021 houve uma expansão de 8,1% do PIB chinês (Trading Economics, 2022).

A taxa de crescimento anual do PIB da China é, em média, cerca de 9,09% entre 1989 e 2022, tendo atingido um pico histórico de crescimento no primeiro trimestre de 2021 com cerca de 18,30%, depois de uma queda recorde de -6,80% no primeiro trimestre de 2020 (Trading Economics, 2022).

Analisando o Gráfico 2, podemos observar que entre 2015 e 2022 o PIB da China tem aumentado a um ritmo acelerado e constante. As previsões são que o PIB cresça cerca de 11 mil milhões entre 2015 e 2025. Nos anos de 2015 e 2016 o PIB chinês teve um crescimento muito tímido. Contudo, a partir do ano 2019 o PIB tem crescido de forma constante em cerca de 2 mil milhões de dólares anuais. Em 2025 espera-se que o PIB chinês atinja os 23.267 milhões de dólares.

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.stats.gov.cn/english/>

## PIB *per capita*

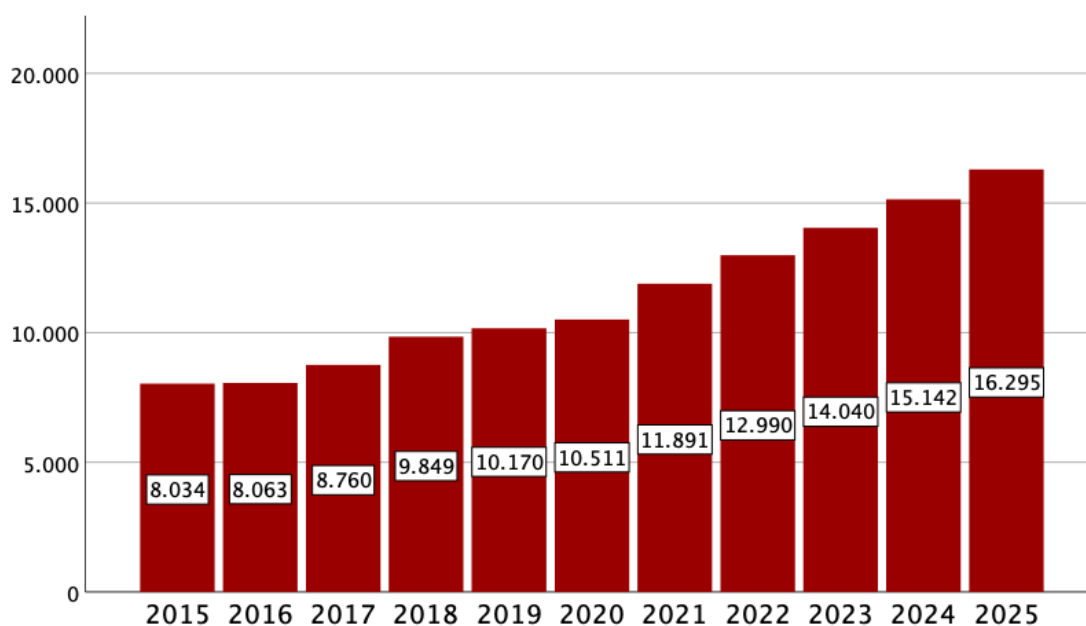


Gráfico 3. PIB *per capita* da China, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica

O PIB *per capita* é a soma do valor bruto acrescentado por todos os trabalhadores residentes mais os impostos sobre os produtos que não foram incluídos na valoração da produção, dividido pela população.<sup>3</sup> O crescimento do PIB *per capita* é calculado a partir de dados do PIB a preço constante na moeda local. O PIB *per capita* fornece dados importantes como o valor médio produzido por cada pessoa e é considerado um indicador de crescimento económico (Banco Mundial, 2022).

Como pode ser verificado no Gráfico 3, o PIB *per capita* dos cidadãos chineses têm vindo a crescer continuamente desde 2015, com um aumento anual pouco significativo. Ainda assim, em 2020 houve um crescimento apesar da crise pandémica. Contudo, espera-se que o PIB *per capita* da China duplique entre 2015 e 2025, ou seja, que aumente de 8.034 milhões de dólares para 16.295 milhões de dólares.

<sup>3</sup> Fonte: <https://databank.worldbank.org/metadataglossary/statistical-capacity-indicators/series/5.51.01.10.gdp>

## Taxa de desemprego

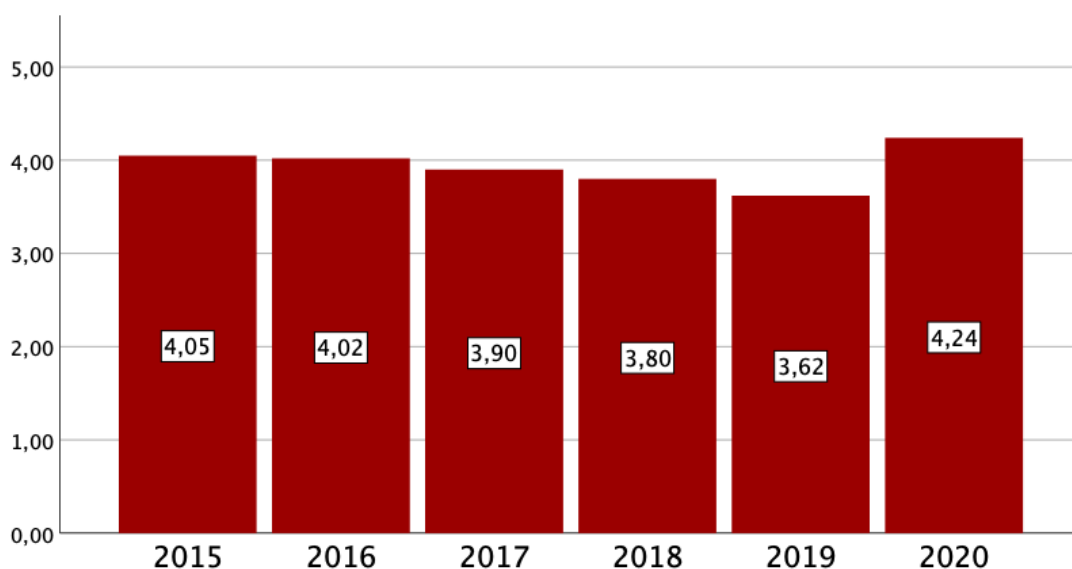


Gráfico 4. Desemprego na China (%). Fonte: Statistica

A taxa de desemprego consiste na percentagem de trabalhadores desempregados no total da população ativa. Os trabalhadores considerados desempregados são os que não estão a praticar nenhuma atividade laboral mas estão aptos e dispostos a trabalhar. A taxa de desemprego é calculada através da soma das pessoas desempregadas, dividida pela população ativa, multiplicada por cem.<sup>4</sup>

A taxa de desemprego tem tendência a ser cíclica e a diminuir sempre que há um crescimento económico, podendo aumentar sempre que a economia está mais estagnada ou em recessão.

Existem três tipos diferentes de desemprego. O desemprego friccional refere-se ao desemprego temporário durante o período em que as pessoas estão à procura de emprego. O desemprego estrutural é um descompasso entre as habilidades ou localizações dos trabalhadores e as exigências do trabalho. O desemprego sazonal é causado por padrões sazonais na atividade económica, como a agricultura, pesca ou turismo.

O método para calcular a taxa de desemprego varia frequentemente entre os países, uma vez que são utilizadas diferentes definições de emprego e desemprego, bem como diferentes fontes de dados.

O desemprego na China, como podemos analisar no Gráfico 4, tem vindo a diminuir de forma constante desde 2015 até 2019, mas à semelhança do que aconteceu nos EUA verificou-se um aumento do desemprego em 2020. Em 2019 o desemprego chinês rondava os 3,62%, porém, em 2020 aumentou para 4,24%. Apesar

<sup>4</sup> Fonte: [https://www.uc.pt/fluc/gigs/GeoHealthS/INES/economica\\_social/taxa\\_de\\_desemprego.pdf](https://www.uc.pt/fluc/gigs/GeoHealthS/INES/economica_social/taxa_de_desemprego.pdf)

de pouco significativo, este aumento foi justificado com a pandemia de COVID-19. A taxa de desemprego esperada no terceiro trimestre de 2022 é de 5,50% mas, de acordo com as previsões económicas, esta taxa deverá descer para 5,20% em 2023 (Trading Economics, 2022).

## Taxa de inflação

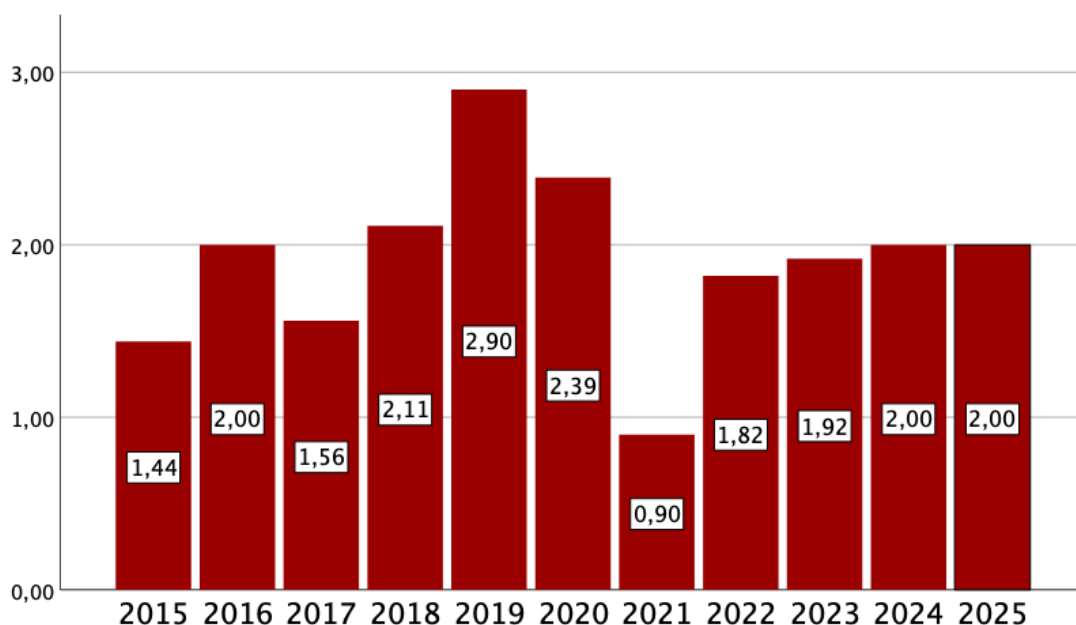


Gráfico 5. Inflação na China (%). Fonte: Statista

A inflação consiste numa subida generalizada do preço de bens e serviços consumidos por todas as famílias.<sup>5</sup> Numa economia de mercado, o preço dos bens e serviços pode aumentar, diminuir ou estagnar, mas quando existe inflação significa que se vai verificar um aumento geral no preço de todos os bens e serviços.

A inflação impacta significativamente a vida das famílias pois existe uma desvalorização do dinheiro e, conseqüentemente, uma redução do poder de compra devido ao aumento dos preços.

A inflação é medida pelo índice de preços no consumidor, comparando os preços atuais de bens e serviços com o preço dos mesmos bens e serviços nos períodos anteriores. Este índice é constituído por um cabaz de compras que é composto pelos bens e serviços mais adquiridos pelas famílias para o consumo.

Em agosto de 2022, a taxa de inflação na China era de mais 0,80% face ao ano anterior. A taxa de inflação na China teve um aumento médio anual de 1,29% entre 2008 e 2022, atingindo um máximo de 2,50% em junho de 2011 e um mínimo de -1,60% em agosto de 2009 (Trading Economics, 2022).

Pelo Gráfico 5 conseguimos averiguar que a inflação na China tem oscilado desde 2015, apesar das

<sup>5</sup> Fonte: <https://bpstat.bportugal.pt/conteudos/paginas/1492>

variações não serem significativas. De 1,44% em 2015, aumentou para 2% em 2016, reduziu para 1,56% em 2017 e, desde 2018, a taxa de inflação na China manteve-se acima dos 2%. Em 2021, surpreendentemente, a taxa de inflação contrariou a tendência dos anos anteriores e reduziu para 0,90%, apesar dos efeitos da pandemia de COVID-19. A previsão da taxa de inflação entre 2022 e 2025 é de entre 1,80% e 2%.

### **2.3. Impacto da pandemia de COVID-19 na economia**

Com o surgimento da pandemia de COVID-19, o papel central da China nas redes de produção internacionais afetou outros canais de produção. Autores como Arezki & Nguyen (2021) (Massamba, 2021), afirmam que quando a produção da China pára, os países com fortes ligações na cadeia de abastecimento com a China são também afetados (Tomás, 2021). As interrupções no fornecimento de matéria-prima e de bens afetaram a produção mundial de todo o tipo de bens (primários e secundários), uma vez que a China, cerne da manufatura, foi onde a pandemia de COVID-19 começou e se espalhou mais rapidamente, ainda que se tenha espalhado para outros centros industriais, como os EUA e a Alemanha.

De acordo com Friedt & Zhang (2020), a China reduziu em cerca de 45% as suas exportações durante o primeiro semestre de 2020. Cerca de 75% da redução ocorreu como reflexo do efeito das cadeias de abastecimento mundiais. Uma avaliação do Banco Mundial (2021: 115) (Tomás, 2021) determinou que preocupações sobre a viabilidade das cadeias de abastecimento e o curso da pandemia de COVID-19 têm afetado o comércio internacional e o turismo. As redes globais de abastecimento que contribuem para o comércio de *commodities*<sup>6</sup> como o gás e o petróleo têm sido prejudicadas pela redução da sua produção. De acordo com uma análise do Banco Mundial em 2021, existe uma forte correlação entre o aumento de casos de COVID-19 e a redução de exportações de bens e serviços.

### **2.4. Crise da cadeia de abastecimento**

O conceito de *Supply Chain Management* como uma evolução natural do conceito de Logística e de Logística Integrada. Enquanto a Logística representa uma integração interna de atividades, o *Supply Chain Management* representa sua integração externa, pois interliga fluxos de materiais e de informações aos fornecedores e ao cliente final.<sup>7</sup>

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, as empresas viram realçada a importância da existência de

---

<sup>6</sup> *Commodities* são mercadorias em estado bruto ou de simples industrialização, negociadas em escala mundial. A comercialização é estabelecida no mercado financeiro, com preços normalmente em dólar e que oscilam de acordo com a oferta e a procura internacional. Fonte: <https://www.investopedia.com/terms/c/commodity.asp>

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.investopedia.com/terms/s/scm.asp>

um departamento que tratasse da logística onde a procura crescia a um ritmo acelerado, já que os consumidores se tornavam cada vez mais exigentes. A partir dos anos 50 e 60, as empresas começaram a preocupar-se mais com a satisfação do cliente e foi então que surgiu o conceito de logística empresarial, motivado por um novo comportamento do consumidor.

O objetivo da *Supply Chain Management* é interligar o mercado, a rede de distribuição, o processo de fabricação e a atividade de aquisição de modo a que os clientes recebam um serviço com o menor custo possível.

No mundo hodierno, o surgimento da pandemia de COVID-19 e as medidas introduzidas para combater o alastramento deste vírus vieram agravar os atrasos na entrega. A incapacidade de produção e de distribuição de bens e produtos está a provocar uma crise da cadeia de abastecimento global. Os constantes atrasos nos armazéns dos aeroportos devido aos rigorosos protocolos para combater a propagação do COVID-19, o fecho de fábricas devido a surtos, e a paragem de camiões, navios e porta-contentores por falta de motoristas e de tripulação fizeram com que os custos de transporte aumentassem cerca de 300% (Knight, 2022).

O transporte de contentores por comboio entre a China e a Europa com passagem pela Rússia vai agora também ser realizado por mar devido às sanções atualmente aplicadas à Rússia. A invasão da Ucrânia por parte da Rússia também cortou as principais linhas de fornecimento de níquel, alumínio, trigo e óleo de girassol, fazendo com que o preço destas *commodities* disparasse. Alguns países do Médio Oriente e de África que dependem de produtos provenientes da Ucrânia poderão ter dificuldades em adquirir alguns alimentos nos próximos meses. Nomeadamente, a Ucrânia é um dos maiores exportadores de fertilizantes, respondendo por cerca de 14% da oferta global. Os preços dos fertilizantes, que já estavam elevados, agora estão 40% mais do que antes da invasão Russa (Knight, 2022). Algumas fábricas com linhas de produção automóvel na Ucrânia pararam a sua produção devido à guerra que se instalou.

Se a pandemia de COVID-19, que desencadeou um aumento na compra de mercadorias, fez com que a cadeia de abastecimento cedesse, o conflito armado e a política de “COVID Zero” na China correm o risco de a quebrar completamente. A cadeia de abastecimento é demasiado complexa, interligada e frágil para ser imune a choques externos, especialmente choques tão sísmicos quanto uma pandemia mundial ou uma guerra. Porém, esta nova realidade está a obrigar as empresas a adotar novas estratégias para manter as mercadorias em movimento, nomeadamente a deslocalização de fábricas para fora da China. Atualmente, os atrasos constantes passaram a ser normalidade, o que torna mais importante do que nunca antecipar estas interrupções.

No início da pandemia de COVID-19, surgiram imagens na comunicação social de médicos a usarem sacos do lixo como proteção pessoal em substituição das batas hospitalares. Estas imagens demonstraram uma escassez nacional sem precedentes no fornecimento de material médico, como luvas cirúrgicas, máscaras, batas e álcool desinfetante. Esta escassez derivou do *shutdown* que o governo chinês implementou

na província de Wuhan de modo a evitar que o vírus se propagasse, colocando cerca de 11 milhões de pessoas em quarentena.

A escassez de material médico de proteção acabou por se estender aos restantes setores da economia. Entre outros, os portos marítimos não tinham trabalhadores suficientes e várias exportações não foram concretizadas.

A China é atualmente a segunda maior economia do mundo e é líder mundial na manufatura, com cerca de 28,7% de toda a produção (Richter, 2021).

O superávit comercial da China nos produtos manufaturados cresceu de 83 mil milhões de dólares em 2001 para cerca de 310 milhões de dólares em 2020 (Banco Mundial, 2021)

O sistema de produção *just in time*<sup>8</sup>, acrescentado ainda ao *offshoring*<sup>9</sup>, antecede a ascensão da China como superpotência económica. A estratégia adotada pela China de manter o *stock* no mínimo e terceirizar a produção para uma distante cadeia de abastecimento global surgiu no final da década de 1970. Na mesma altura, os principais meios de transporte de mercadoria foram desregulamentados, deixando o mundo com sistemas logísticos menos coerentes e com segmentos privatizados. O sistema de produção *just in time* é visto como um sistema eficiente, mas com alguns riscos no caso de interrupção na cadeia de abastecimento. No caso da China, o risco é ainda maior tendo em conta que grande parte da cadeia de abastecimento se tornou mais dependente deste país.

A China também domina na indústria de minerais de terras raras. Por exemplo, a China refina cerca 60% do lítio, 80% do cobalto e extrai cerca de 68% do grafite do mundo; três materiais utilizados na produção de baterias de alta capacidade. Este domínio faz com que a China tenha uma vantagem na produção de baterias e, por sua vez, aumenta a vantagem competitiva da China em relação aos restantes países. Aliás, a China já supera os EUA na produção de veículos em geral. Os EUA produziram cerca de 15 milhões de automóveis em 2021, em comparação com os 24 milhões produzidos pela China. Dos 425 mil autocarros que a China possuía em 2018, 421 mil eram elétricos. Por sua vez, a frota de autocarros elétricos dos EUA é de apenas 300 veículos (The American Prospect, 2022).

A indústria de minerais de terras raras é também relevante na produção de ligas metálicas, motores a jato, lentes de câmaras fotográficas, lâminas de turbinas, fibra óptica, etc.

As interrupções na produção criam volatilidade e instabilidade que pode impactar o preço dos produtos. Estas interrupções podem acontecer devido a um grande acontecimento ou devido a um conjunto de pequenos acontecimentos. Algumas interrupções de produção não foram apenas causadas pela pandemia de COVID-19 já que, por exemplo, eventos climáticos extremos fizeram com que houvesse um aumento

---

<sup>8</sup> A tradução para o português, a expressão *just in time* possui como significado a expressão "bem na hora", pois indica que os bens ou serviços devem ser produzidos somente no instante em que são requisitados.

<sup>9</sup> *Offshoring* designa a deslocação da produção de uma região para outra com o objetivo de reduzir os custos de produção.

exponencial do uso de ar condicionados que resultou em falta de energia em maio de 2021. Este acontecimento na província de Guangdong, levou o governo chinês a implementar restrições estatais nas fábricas, como a redução do horário de funcionamento e a limitação da produção. No outono de 2021, os cortes obrigatórios no uso de energia aumentaram, com mais da metade das províncias da China a limitar o uso da energia elétrica. Esta política adotada pela China para reduzir a produção fabril devido a uma crise energética interna não foi replicada por outros países. Porém, nenhum outro país é tão importante para a cadeia de abastecimento como a China.

A regulamentação da eletricidade na China é rudimentar e o aumento dos custos de energia não pode ser suportado pelos consumidores. Deste modo, em vez de depender de preços mais altos para promover o funcionamento contínuo das fábricas, o governo chinês restringiu o horário de funcionamento das fábricas.

Estes acontecimentos limitaram a produção e tiveram efeitos diretos e indiretos no consumo doméstico dos EUA por este país depender tanto da China. O papel central da China na crise de cadeia de abastecimento demonstra as falhas e os riscos no sistema geral quanto aos perigos especiais da forte dependência numa única fonte de suprimento. Revela-se ainda mais arriscado quando essa fonte é proveniente de um país controlado por uma ditadura que tem conflitos geopolíticos com os EUA e que já demonstrou a sua disposição para usar armas económicas.

Nas indústrias onde a China não é considerada dominante está a tentar alcançar os concorrentes diretos, nomeadamente os EUA. Por exemplo, grande parte da atual crise de oferta resulta da escassez de semicondutores, que são usados em produtos de carros, telefones e eletrodomésticos. As empresas de semicondutores com sede nos EUA exportam agora a maior parte de sua produção para o leste da Ásia, aproveitando os subsídios estatais para novas instalações de produção (conhecidas como *fabs*) e mão de obra barata. A indústria de semicondutores é complexa já que inclui vários tipos de chips, além de insumos e máquinas para a fabricação de semicondutores. Os EUA estão a perder a capacidade em todos os elos da cadeia de abastecimento. A participação global dos EUA na produção de semicondutores é agora de apenas 12%, significativamente abaixo dos 37% registados em 1990.

Pequim tem uma estratégia bastante vincada e diferente de Washington. Pequim tem um *lobby* agressivo dentro dos EUA e consegue captar empresas americanas para produzirem na China, sendo que o contrário não acontece. Mas se a crise da cadeia de abastecimento despertou a atenção para o *status quo* entre os EUA e a China, seria fundamental que os EUA atuassem de modo a que conseguissem igualar a China.

## **2.5. Queda das empresas imobiliárias**

A Evergrande Real Estate Group, também conhecida como Evergrande, é a segunda maior empresa imobiliária da China e uma das empresas que registou maior receita em 2021, de acordo com a Forbes. Esta empresa



imobiliária está direcionada para o segmento de venda de habitações de luxo.

Em 2021, a venda de casas diminuiu quase 60% em comparação ao ano de 2020 (Financial Times, 2022). Esta queda significativa de vendas é considerada a pior da história da China e deve-se à política adotada pela China para prevenir uma nova vaga de casos de COVID-19, estratégia esta que ficou conhecida como “COVID Zero”. Durante este período, vários empreendimentos na China foram interrompidos e os promotores imobiliários ficaram sem capital para acabar a construção.

Em 2021, a Evergrande começou a enfrentar uma crise de liquidez devido à falta de vendas e muitos compradores recusam-se pagar as suas hipotecas pois grande parte dos projetos de habitação estão por acabar. Com a falta de liquidez e a impossibilidade de pagar às empresas construtoras, a Evergrande entrou numa espiral de crise profunda e atualmente enfrenta vários processos em tribunal.

Apesar da Evergrande ser o caso mais mediático, não foi o único a enfrentar crises de liquidez. Muitos promotores imobiliários chineses como a Fantasia Holdings, o Sinic Holding Group e a Modern Land entraram em dívida financeira (Financial Times, 2022)

A queda das empresas imobiliárias é de tal forma grave que a venda de casas está a ser feita através de qualquer meio de pagamento possível, nomeadamente em trigo, alho e melancia, para convencer os agricultores a investir (Financial Times, 2022).

O setor imobiliário tem um grande impacto na economia chinesa, contabilizando cerca de um quarto do PIB chinês, incluindo sub-setores como a construção e serviços imobiliários. As famílias chinesas concentram cerca de 70% da sua riqueza em propriedades como casas e apartamentos. Cerca de 30% a 40% dos empréstimos bancários na China são direcionados para o setor imobiliário e cerca de 30% a 40% das receitas do governo local são provenientes da venda de terrenos para construção (The Guardian, 2022).

A queda das imobiliárias chinesas fez soar alguns alarmes. Como a China é o centro da manufatura de todo o mundo, uma quebra na economia chinesa pode levar a que muitos países sofram, nomeadamente devido ao aumento do preço das exportações provenientes da China

Uma crise financeira na China poderia afetar vários setores onde este país é líder mundial, como é o caso da produção de semicondutores, do fabrico de automóveis, da indústria têxtil, entre outros setores nos quais a China tem uma grande presença.

A China é também um dos principais países que empresta dinheiro aos países em desenvolvimento, como é o caso de alguns países do continente africano. Os países em desenvolvimento têm um grande nível de dependência da China para a construção de alguns projetos de infraestruturas que são concessionados a empresas chinesas.

Por fim, como iremos analisar de seguida, o projeto BRI poderia não avançar devido a uma possível crise económica na China, o que iria impactar projetos em cerca 139 países, avaliados em mil biliões de dólares (OECD, 2018).



### 3. BRI e projeção económica

O BRI é sem dúvida um dos maiores projetos económicos e de política externa da China. Em maio de 2017, o presidente da China, Xi Jinping, declarou na abertura do Fórum *Belt and Road*: “A China promoverá ativamente a cooperação internacional por meio da *The Belt and Road Initiative*. Ao fazer isso, esperamos alcançar conectividade de política, infraestrutura, comércio, finanças e pessoa a pessoa e, assim, construir uma nova plataforma de cooperação internacional para criar novos impulsionadores de desenvolvimento compartilhado” (Xi, 2017: 61) (Tomás, 2021). Como já foi referido, o BRI esclarece quais são as ambições da China e é uma parte central do seu plano de desenvolvimento económico.

O BRI foi anunciado em 2013 por Xi Jinping que se inspirou no conceito da Rota da Seda estabelecida durante a Dinastia Han, uma antiga rede de rotas comerciais que ligava a China ao Mediterrâneo através da Eurásia durante vários séculos (Ohashi, 2018) (Tomás, 2021).

Este investimento rondará os cerca de 50 mil milhões de dólares e já é considerado como o maior projeto económico do século XXI. Este megaprojeto inclui a construção de vias marítimas, ferroviárias e rodoviárias de modo a facilitar o transporte de pessoas, bens e energia, cobrindo uma área que envolve acordos bilaterais com 66 países em 2018, mais de 4,4 mil milhões de pessoas e quase 40% da economia mundial. O projeto terá um impacto económico em todos os países envolvidos, no valor de cerca de 21 mil biliões de dólares (OECD, 2018). Releva ainda referir que 90% do investimento é financiado pelo *Silk Road Fund*.<sup>10</sup>

Para perceber melhor o BRI e a importância económica e política deste projeto é importante salientar que recentemente, nas comemorações do 40.º aniversário da diplomacia sino-europeia, onde foram reforçadas as negociações para o Plano de Cooperação Estratégica Sino-Europeia 2020<sup>11</sup>, o Conselheiro de Estado da China, Yang Jiechi, e a Alta Representante da UE para a Política Externa e de Segurança e Vice-Presidente da Comissão Europeia, Federica Mogherini, reuniram-se em Bruxelas, na Bélgica. Nesta cerimónia foram assinados vários tratados de investimento e de cooperação entre a UE e a China. Importa salientar ainda que o valor em dólares do BRI é treze vezes superior ao do Plano Marshall, que foi a ajuda realizada pelos EUA para ajudar a recuperação europeia após a Segunda Guerra Mundial (Herrero & Xu, 2016).

Este projeto irá reabilitar e desenvolver a economia de todos os países geograficamente envolvidos, contudo, os EUA ficam à margem deste projeto. A médio prazo, o domínio económico da China irá contribuir para mais desemprego norte-americano devido ao preço da mão de obra asiática que é substancialmente inferior ao dos EUA.

---

<sup>10</sup> O *Silk Road Fund* foi fundado em dezembro de 2014, através do investimento assegurado pela Administração Estatal de Política Externa, Corporação de Investimento da China, pelo Banco de Desenvolvimento da China e pelo Banco de Exportação e Importação da China e por bancos europeus (OCDE, 2018).

<sup>11</sup> Fonte: [https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2021-0252\\_PT.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-9-2021-0252_PT.html)

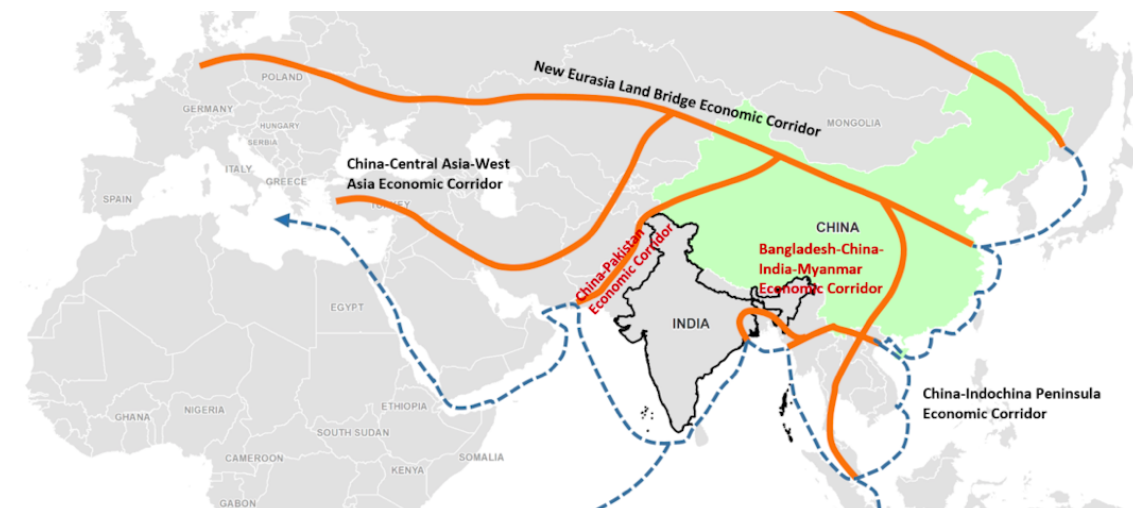


Figura 1. Os seis corredores do BRI. Fonte: IPS Journal

De acordo com o relatório da OCDE ,2018 os planos das rotas do BRI estão prontos para começar a operar em 2023. O governo chinês fez acordos de cooperação e investimentos diretos em mais de 60 países pertencentes a seis associações comerciais (Figura 1):

- A ASEAN e a Área de Livre Comércio da China (ASEAN + 1), onde se incluem países como o Brunei, o Camboja, a Indonésia, a Malásia, o Mianmar, as Filipinas, Singapura, a Tailândia, o Vietname, o Laos e a China.
- O BA; a ECO;
- A SAARC;
- A UE; e
- A NAFTA.

A viabilidade e a sustentabilidade do projeto são também discutidos, bem como a possibilidade de retorno dos investimentos e empréstimos. Nem todos os países vêem o BRI como um projeto positivo, devido ao sentimento de existência de uma falta de regulação e coordenação dos mercados e de uma falta da extensão ampla ao mercado global (Herrero & Xu, 2019) (Tomás, 2021).

O BRI inclui investimentos em infraestruturas de conectividade, que incentivam os países que precisam de desenvolvimento de infraestruturas. Como dimensão principal do BRI, o comércio é o que sustenta esta iniciativa, ou seja, é o aspeto que a torna numa realidade geoestratégica em expansão e dinâmica (Schneider, 2021: 14). O comércio funciona como o *modus operandi* que direciona todas as economias participantes do BRI para a China através de investimento, importação e exportação. Tornar a China o centro da rede comercial mundial só será possível porque o papel do BRI é “criar rotas comerciais terrestres e marítimas ligando a China à Europa, pela Ásia (incluindo o Oriente Médio) e África” (Liangxiang & Janardhan, 2020: 35). Porém, isto não significa que as economias participantes do BRI não beneficiem da iniciativa.

Os países africanos acolhem a cooperação através do BRI, dadas as suas dificuldades em financiar projetos de infraestrutura. Os países do Médio Oriente aproveitam também as oportunidades de investimento.

Segundo Liangxiang e Janardhan (2020) existe participação de empresas chinesas no desenvolvimento e construção de infraestruturas, nomeadamente, na construção do Porto de Ain Sokhna, no Egito, e do Novo Porto de Hamad, no Qatar. A construção de infraestruturas é vista como impulsionadora do crescimento económico. Segundo Gong (2020: 78) as projeções do Banco Mundial afirmam que “o BRI aumentará o comércio para os países ao longo da rota em 4,1 por cento”. Outro estudo do Banco Mundial (2019b: 67) estima que as “políticas para promover a facilitação do comércio nas economias do corredor do Cinturão e Rota aumentariam exportações, complementando assim os projetos de infraestrutura”.

A UE também reforçou a cooperação com a China através do BRI, com perspectivas de investimento conjunto, alguns dos quais voltados para infraestrutura no sudoeste da Europa (Casarini, 2015). A existência de corredores económicos é essencial para a implementação do objetivo principal da China que consiste na ligação territorial para a criação de uma geoeconomia global. O objetivo deste processo é gerar uma recentralização para que alguns pontos geográficos ganhem importância e possam ligar-se à China, tornando este país num nó central.

A Ásia Central “tornou-se um espaço regional cada vez mais importante para logística de transporte” (Chen & Fazilov, 2018: 9) (Hans-Peter, 2013) (Tomás, 2021). Em particular, o Cazaquistão é o exemplo de um território que é próximo da China e da Europa, podendo ser um país-chave para a China no que toca ao comércio terrestre de longa distância. A recentralização cria oportunidades com base na localização das economias participantes, em termos de volume e custos de comércio. “A rede de transporte da Eurásia oferece às pessoas e empresas na China melhor acesso aos mercados estrangeiros do que às pessoas e empresas nos países da Ásia Central e da Europa” (Chen & Fazilov, 2018: 9) (Tomás, 2021).

Quando em 2013, Xi Jinping propôs o projeto BRI, tinha como principal objetivo aprofundar a reforma da China perante o mundo de modo a promover a prosperidade, o crescimento e especialmente a abertura do seu país. Segundo uma Resolução do Comité Central do Partido Comunista Chinês (2013), o objetivo do BRI é promover o crescimento social e económico com a colaboração de outros países através de um grande número de projetos de modo a impulsionar o desenvolvimento económico e poder melhorar a qualidade de vida dos cidadãos dos países envolvidos.

Desde 2013, existiram esforços conjuntos das diversas partes envolvidas que transformaram o BRI num projeto real. O consenso internacional não foi imediato, mas com o tempo este projeto foi ganhando consenso devido ao investimento em novas infraestruturas e no comércio livre. Todos os países que se juntaram ao BRI estão a crescer economicamente, e esta é atualmente a maior plataforma de cooperação internacional, podendo ser um excelente canal para promover a paz, o desenvolvimento e a cooperação entre países.

Como já foi brevemente referido, umas das principais armas do BRI para desenvolver a China é a conectividade de infraestruturas. Segundo Xi Jinping, o desenvolvimento e a expansão económica só podem acontecer caso as infraestruturas possuam condições. O BRI prevê um sistema de transportes que cobre mar,

ar e terra, através de projetos que incluem ferrovias que ligam a China à Hungria e diversos portos, oleodutos e gasodutos construídos pela China, Rússia, Mianmar entre outros países. A China vê o futuro na ligação de infraestruturas pois considera que isto economiza tempo e custos de transporte, potencializando o comércio e investimento e projeta a recuperação económica global pós-pandemia.

Em março de 2022, cerca de 147 países já tinham aderido ao BRI e assinado um Memorando de Entendimento com a China. Este projeto chinês terá um grande impacto na economia mundial de forma direta e indireta já no ano de 2023. Deste modo, o BRI cobre países do Sudeste Asiático, Sul da Ásia, Ásia Central, Ásia Ocidental, Norte de África, Europa Central e Europa Oriental, ou seja, cerca de 60% da população e 32% do PIB mundial.<sup>12</sup>

Salientamos ainda que a China também tem ambições ambientais. Xi Jinping anunciou que a China pretende reduzir as emissões de CO<sub>2</sub> antes de 2030 e procura alcançar a neutralidade em carbono até 2060. Apesar da China ainda investir em carvão, está a realizar investimentos com algum impacto em fontes de energia renováveis, como a energia eólica e solar.

### **3.1. Substituição do dólar**

A economia chinesa tem sido bem sucedida. Aliás, o PIB da China é o segundo maior do mundo, seguindo-se ao dos EUA. A China é também o terceiro país com mais transações comerciais, seguindo-se aos EUA e à UE. Contudo, o renminbi chinês (doravante, apenas “renminbi”) representa apenas 3% do comércio mundial, enquanto o dólar representa cerca de 87% (Yahoo Finance, 2022). Apesar do domínio do dólar ter diminuído nos últimos anos, são poucas as moedas que têm tanta importância nos mercados globais como o dólar. O renminbi não parece ser uma alternativa, mas existem alguns argumentos geopolíticos e macroeconómicos que apoiam a sua ascensão e a China está a elaborar um plano para contrariar a tendência do dólar.

Substituir o dólar como moeda de reserva não é uma questão de formalidade, mas uma espécie de concurso de popularidade. A popularidade de uma moeda baseia-se num sentimento de segurança e resiliência do país emissor. A moeda que conquista mais segurança é a moeda escolhida pelos bancos centrais mundiais para manter como reserva, e é por este motivo que a moeda dominante ganha o título de “moeda de reserva”.

O BRI também tem como ambição futura substituir o dólar como a principal moeda de transação e de reserva mundial. Aliás, num discurso no Fórum Empresarial do BRICS, o presidente Vladimir Putin, declarou que os Estados que pertencem ao BRICS estão a trabalhar no desenvolvimento de uma nova moeda que possa ser uma moeda de reserva mundial. Esta nova moeda irá conter as moedas nacionais dos países do BRICS, e

---

<sup>12</sup> Fonte: <https://greenfdc.org/china-belt-and-road-initiative-bri-investment-report-h1-2022/>

poderá ser uma alternativa ao Direito Especial de Saque<sup>13</sup> do FMI (Observer Research Foundation, 2022).

Numa altura em que a Rússia enfrenta graves sanções globais após a invasão à Ucrânia, as declarações de Putin fazem ressaltar ainda mais a importância do desenvolvimento de uma nova moeda com os países do BRICS, de modo a facilitar o comércio entre estes países em moedas locais.

A China vê os países do BRICS como potenciais aliados para desenvolver uma parceria comercial, financeira e monetária. Note-se, por exemplo, que a China é o maior parceiro comercial do Brasil, e ambos os países beneficiam com as transações em moedas locais no cumprimento dos seus acordos bilaterais. A China quer ajudar a reduzir a dependência do Brasil no dólar e reconhece que as relações comerciais com a China podem ser uma grande ajuda, pois estas também simplificam relações comerciais com a Índia e com a Rússia.

A relação entre a China e a Rússia tem diversos interesses, desde interesses geopolíticos a interesses económicos. A Rússia sempre apoiou os BRICS a avançar com a ideia de substituir o dólar como moeda de reserva. Após o início do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, a Rússia foi praticamente removida do sistema financeiro que é dominado pelo dólar e pelo Ocidente. Para a Rússia, isto reforça a necessidade de um sistema financeiro alternativo, sem o uso do dólar e sem o domínio do Ocidente. Atualmente, a Rússia apenas aceita transações em rublos russos de modo a proteger a soberania económica do seu país. A Rússia poderá ser um forte aliado da China para substituir o dólar como moeda dominante.

A China prepara o seu plano para desestabilizar o dólar como moeda de reserva global através de diversos projetos, investimentos e acordos. No entanto, este país já tem uma grande influência em diversos países asiáticos e africanos onde tem muitos projetos em desenvolvimento e acordos estabelecidos em que utiliza a sua moeda como moeda de transação. O grande objetivo da China é utilizar o impacto e a visibilidade do BRI para reforçar ainda mais a internacionalização da sua moeda nacional.

A China e a Rússia são os países com maior interesse em derrubar com a dominância do dólar e reformar o sistema financeiro mundial. Esta cooperação pretende salvaguardar os interesses financeiros de ambos os países, podendo assim vir a desenvolver uma moeda de reserva própria.

## **3.2. Resposta dos EUA**

O BRI relança e reabilita a economia de todos os países geograficamente envolvidos, excluindo os EUA. Embora a China e os EUA sejam ambos membros da APEC<sup>14</sup>, estabelecida em 1983 e considerada o maior bloco

---

<sup>13</sup> Ativo de reserva criado pelo FMI em 1969 para complementar as reservas internacionais dos países membros. O montante foi distribuído entre os membros do FMI.

<sup>14</sup> A Cooperação Económica Ásia-Pacífico (APEC) é um fórum económico regional estabelecido em 1989 para alavancar a crescente interdependência da Ásia-Pacífico. Os 21 membros da APEC visam criar maior prosperidade para as pessoas da região, promovendo um crescimento equilibrado, inclusivo, sustentável, inovador e seguro e acelerando a integração económica regional. Fonte: <https://www.apec.org>

económico do mundo, os EUA receiam ser ultrapassados pela China em termos de liderança económica. Como já foi referido, o domínio económico chinês irá levar a um aumento do desemprego norte-americano porque o preço da mão de obra asiática é substancialmente inferior ao preço da mão de obra dos EUA e muitas empresas norte-americanas podem vir a deixar o país à procura de um preço de produção mais baixo (Geeraerts, 2019) (Tomás, 2021).

A resposta do ex-presidente norte-americano, Barack Obama, à ascensão da China foi de tentar isolar a China por meio de tratados e plataformas económicas. Por outro lado, o ex-presidente norte-americano Donald Trump optou por sanções e embargos.

Obama negociou o TTIP com a UE, permitindo aos EUA reforçar a sua influência na Europa, especialmente a nível comercial. No Pacífico, Obama ratificou o TPP com 12 países asiáticos que representavam 40% do PIB mundial. O objetivo era aproximar as nações do Pacífico liberalizando mercados, serviços e investimentos, facilitando o acesso recíproco a bens e contratos públicos, e eliminando ou reduzindo tarifas alfandegárias e barreiras ao comércio entre os dois lados do Atlântico, de modo a impedir o crescimento e a influência regional da China (Garrett, 2018).

Contrariamente ao neoliberalismo de Obama, o isolacionismo de Trump levou à retirada dos EUA do TPP. Aliado a esta retirada, Trump iniciou uma guerra comercial, impondo dezenas de mil milhões de dólares em tarifas alfandegárias, tentando enfraquecer a economia chinesa. Essas medidas levaram a uma situação de perda, com pesadas consequências no valor global das cadeias de abastecimento, prejudicando assim as estruturas das indústrias, investimento, inovação e o bem-estar do consumidor em todo o mundo, agravando-se em 2020 com a crise económica gerada pela pandemia de COVID-19 (Chen & Zhang, 2020) (Paterson, 2018).

### **3.3. Transparência e supervisão global**

Um relatório do Banco Mundial (2018) concluiu que no concurso para a realização do BRI as empresas chinesas foram as que saíram mais favorecidas visto terem sido concedidos contratos para a construção de infraestruturas de modo desigual. A falta de transparência, bem como a escassez de informações relacionadas com os procedimentos de compras do BRI são fatores que demonstram algumas lacunas na realização dos contratos. Existem três aspetos que devem aqui ser considerados: a disponibilidade de dados acerca dos procedimentos de compras implementados no BRI; a transparência na tomada de decisão em relação a contratos celebrados; e a consideração de investidores locais em países onde os projetos serão realizados. Se estas questões forem abordadas de maneira inclusiva, o nível de confiança no BRI e na liderança chinesa poderá aumentar de forma significativa.

Embora o financiamento chinês justifique que a maior parte dos contratos sejam com empresas chinesas, seria politicamente correto consolidar a integração do BRI por meio de políticas e acordos comerciais de



investimentos bilaterais.

As instituições internacionais, como o Banco Mundial, o PNUD e a UNCTAD, devem estabelecer uma relação conjunta de modo a avaliar a implementação do BRI na China. Essa relação pode ser realizada em conjunto com os EUA, a UE e outros países com os mesmos princípios, como o Canadá, a Índia, o Japão e a Coreia do Sul, que estão igualmente preocupados com o crescimento e influência da China no comércio e segurança global.

Esta relação conjunta ajudaria, através de apoio institucional, os países com economias menos poderosas, caso se verificassem dificuldades entre a China e esses países economicamente mais vulneráveis. É assim essencial existir uma supervisão e fornecer apoio aos países que irão participar no BRI (Tomás, 2021).

### **3.4. Acordo RCEP**

O RCEP é um acordo comercial assinado por 15 países da Ásia e do Pacífico<sup>15</sup> que entrou em vigor no dia 1 de janeiro de 2022. Este acordo cobre cerca de um terço da população e do PIB mundial. Até hoje, o RCEP representa o maior acordo de livre comércio.

Este acordo tem como principal objetivo remover pelo menos de 90% das taxas alfandegárias dos bens que são comercializados entre os países membros, à imagem de como funciona na UE. O RCEP terá um prazo de funcionamento de 20 anos e irá promover o livre comércio, reforçar as cadeias industriais e de abastecimento, eliminar tarifas e facilitar a abertura de serviços e de oportunidades de investimentos em todos os países envolvidos, de modo a que haja um aceleração da recuperação da economia destes países pós-pandemia. A China vê a RCEP como mais uma oportunidade de crescimento económico e de reforçar ainda mais os laços com os países vizinhos. Aliás, com este acordo, e pela primeira vez na história, a China estabeleceu uma relação de livre comércio com o Japão, relação esta que deve impulsionar a integração económica e relações comerciais entre os dois países.

Os dados do primeiro trimestre de 2022 mostram-se muito positivos para a China. O comércio da China cresceu 6,9% face ao ano de 2021 (Statística, 2022), e o RCEP permite que a China aproveite todo o seu potencial comercial para exportar ainda mais os seus produtos eletrónicos, mecânicos, entre outros.

O volume de exportações e de importações entre a China e os países membros da RCEP cresceu de forma constante, atingindo cerca 203 mil milhões de dólares em exportações e 218 mil milhões de dólares em importações (Journal China Briefing, 2022). As empresas chinesas beneficiaram significativamente com a adesão da China ao RCEP já que foram incentivadas a aproveitar tarifas reduzidas ou quase inexistentes para exportar as suas mercadorias para os restantes países.

---

<sup>15</sup> Japão, China, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Tailândia, Filipinas, Brunei, Mianmar, Malásia, Singapura, Indonésia, Vietname, Laos e Camboja.

A Coreia do Sul é hoje o maior parceiro comercial da China. O valor do comércio bilateral entre estes dois países aumentou cerca de 14,4% depois da assinatura do RCEP. O Japão é o segundo maior parceiro comercial da China. Com a assinatura do RCEP, o comércio deste país aumentou 3,8%, cerca de 90 mil milhões de dólares. Outros países como o Camboja e a Indonésia também reforçaram a sua parceria comercial com a China através do RCEP (Journal China Briefing).

O RCEP tem um grande impacto no crescimento económico chinês e nos investidores estrangeiros. Este acordo contribuiu com grandes oportunidades de importação e exportação para a China e incentivou as empresas chinesas a expandir o seu volume de exportações. A exportação e importação de produtos específicos proporciona uma ligação estável, sólida e estratégica entre a China e os países da Ásia e do Pacífico.

Este acordo tem como objetivo que os países signatários se adaptem a um mercado regional mais aberto e com concorrência, de modo a promover um desenvolvimento económico com qualidade.

Por último, mas não menos importante, a participação da China no RCEP está interligada às intenções da China com o BRI para promover o crescimento económico regional e criar oportunidades de ligação de infraestruturas. No primeiro trimestre de 2022, as empresas chinesas fizeram investimentos diretos nos países que vão fazer parte do BRI, num total de 20 mil milhões de renminbis. Este investimento foi realizado especialmente em Singapura, na Indonésia, no Vietname, na Malásia, e noutros países que pertencem à ASEAN.<sup>16</sup>

A China vê o RCEP como mais um mecanismo para se poder expandir economicamente e adquirir parceiros estratégicos adicionais de modo a poder concretizar o seu plano de ultrapassar os EUA enquanto potência mundial num futuro próximo.

---

<sup>16</sup> Fonte: <https://asean.org/wp-content/uploads/2022/09/AIR2022-Web-Online-Version-310822.pdf>

## 4. EUA

### 4.1 Hegemonia norte-americana

Durante a Segunda Guerra Mundial, os EUA e a URSS lutaram juntos como aliados contra as potências do Eixo<sup>17</sup>. Porém, a relação entre estes dois países sempre foi bastante tensa. O comunismo do lado soviético, que se consubstanciava na falta de democracia e liberdade, preocupava os norte-americanos. Por outro lado, os soviéticos também ficaram ressentidos com o facto de os EUA não reconhecerem a URSS como parte legítima da comunidade internacional. Ademais, a intervenção norte-americana na Segunda Guerra Mundial foi também tardia, resultando na morte de milhões de russos (History, 2009).

Após o fim da guerra, a relação entre os soviéticos e os norte-americanos foi ficando cada vez mais tensa e levou a um sentimento geral de desconfiança entre ambas as nações.

As ambições para expandir a URSS na Europa Oriental alimentaram o medo dos norte-americanos que temiam que os soviéticos tivessem um plano para expandir o seu domínio internacional através da doutrina comunista. O material bélico e o uso de armas nucleares também foram motivo de tensão entre ambos os países

A corrida espacial e a era da exploração espacial foram outro fator decisivo na competição entre os EUA e a URSS durante a Guerra Fria. Em 1957, a URSS lançou o Sputnik para o espaço, o primeiro satélite artificial do mundo e o primeiro objeto feito pelo homem a ser colocado no espaço. Os EUA viram este momento com algum desagrado e consideraram urgente reagir, por isso, em 1958, lançaram o seu próprio satélite, o Explorer I, para o espaço.

Mikhail Gorbachev assumiu o cargo de primeiro-ministro da URSS em 1985 e introduziu de imediato medidas que mudaram a relação da URSS com os EUA e com o resto do mundo. Uma dessas medidas foi a abertura económica (*Glasnost*) e a reforma económica (*Perestroika*).

A influência soviética diminuiu na Europa Ocidental e, em 1989, o muro de Berlim, que era o símbolo mais notável da Guerra Fria, foi destruído. Em 1991, a URSS tinha-se desmantelado e a Guerra Fria tinha acabado.

A Guerra Fria ficou conhecida como uma guerra ideológica, com o capitalismo e estilo de vida norte-americano de um lado, e o comunismo e a opressão dos soviéticos do outro.

Nesta altura, o fim do único país que fazia frente aos EUA e o enfraquecimento do comunismo fez com que os este país ficasse isolado como a potência hegemónica mundial e que pudesse assim expandir ainda mais a sua influência (Jacques, 2012).

Os EUA conseguiram tornar-se potência hegemónica devido à sua forte capacidade de liderança interna

---

<sup>17</sup> Os três países principais da aliança do Eixo eram a Itália, o Japão e a Alemanha.

e externa, nomeadamente em instituições internacionais como a OTAN, o FMI, a ONU, entre outras. A capacidade de proliferar valores como a democracia e valores liberais, humanos, sociais e económicos como o mercado livre foi essencial para o sucesso norte-americano. Estes valores são aqueles que hoje influenciam todos os países e estão enraizados na sociedade hodierna.

## 4.2 Globalização e dólar como moeda de referência

O sistema monetário e financeiro internacional é impactado pelas crises económicas, pelos crescimentos e pelo volume de transações de cada moeda. Alguns especialistas<sup>18</sup> defendem uma mudança do sistema monetário internacional que é hoje dominado pelo dólar. Estes especialistas defendem uma mudança para um sistema multipolar onde o dólar pode partilhar o seu papel como moeda internacional com o euro e o renminbi. Em 2011, os líderes do Grupo dos 20<sup>19</sup> chegaram a um acordo para tomar medidas diretas de modo a garantir que o sistema internacional considerasse a mudança e que pudessem surgir novas moedas internacionais para repor o equilíbrio.

O sistema monetário e financeiro internacional já foi, em tempos, dominado por uma outra moeda: a libra esterlina britânica (doravante, apenas “libra”). A libra é uma das moedas mais antigas do mundo que durante os primeiros tempos era denominada somente libra, termo genérico para nomear as várias unidades monetárias que, na altura, circulavam na Europa como forma de pagamento. No século XII, a libra passa a chamar-se oficialmente libra esterlina, pois o rei David I da Escócia e o rei Henrique II de Inglaterra decidiram unir as suas moedas. Depois dessa união aconteceram três episódios que tornaram a libra na moeda mais forte do mundo: o século XVI, a rainha Isabel I de Inglaterra instaurou o uso da libra em todos os territórios do Reino Unido; no século XVII, foi criado o Banco de Inglaterra onde começaram a ser criadas as primeiras notas; em 1717, Isaac Newton implementou o ouro e a libra como moeda padrão.

A estagnação económica britânica foi um dos fatores que levou à queda do uso da libra ao longo dos anos. Apesar da libra ser a moeda dominante entre os anos 30 e 70, após a Segunda Guerra Mundial, o dólar começou a ser a moeda mais utilizada como efeito do Plano Marshall. O fortalecimento do dólar deveu-se à confiança que havia nesta divisa, mudando o seu estado para ser reconhecida como moeda internacional.

O potencial de crescimento dos mercados financeiros norte-americanos foi o principal fator que levou a que o dólar superasse a libra nos anos 40. Em 1690, foi documentado o primeiro papel-moeda quando foram emitidas notas que eram usadas para financiar operações militares (Best, 2022). Em 1776, foi introduzida a primeira nota de 2 dólares. Em 1785, o símbolo do dólar (\$) foi adotado pelos EUA.

---

<sup>18</sup> Fonte: <https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/2019/06/new-monetary-system-farhi>

<sup>19</sup> O Grupo dos 20 é constituído por representantes dos seguintes países: África do Sul, Argentina, Brasil, Canadá, EUA, México, China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Indonésia, Arabia Saudita, Turquia, UE, Alemanha, França, Itália, Rússia, Reino Unido e Austrália.

O governo norte-americano criou o Office of the Comptroller of the Currency e o National Currency Bureau em 1863 para emitir novas notas. Antes destas duas agências, a impressão do dinheiro era feita através de empresas privadas. Em 1890, o Tesouro dos EUA assumiu a responsabilidade oficial por emitir a moeda legal do país. Já no início do século XX foi criada a Reserva Federal que perdura até os dias de hoje.

Em 1913, a Reserva Federal norte-americana criou o *Federal Reserve Bank* para combater a instabilidade do sistema monetário, onde os bancos individuais emitiam notas. Nessa mesma altura, os EUA superaram economicamente o Reino Unido, mas o comércio mundial ainda estava concentrado no Reino Unido, sendo que grande parte das transações era realizadas em libras esterlinas.

O uso do ouro como moeda de padrão foi adotado por muitos países desenvolvidos de modo a estabilizar as trocas monetárias. Contudo, quando começou a Primeira Guerra Mundial em 1914, muitos países suspenderam o uso do ouro como moeda padrão, o que fez desvalorizar as suas moedas locais. Os EUA ganharam ainda mais protagonismo ao tornarem-se credores de muitos países que queriam comprar títulos do tesouro dos EUA em dólares. Foi finalmente em 1931 que o dólar substituiu a libra como principal moeda de reserva internacional.

Os EUA não participaram desde o início nas duas Guerras Mundiais, o que permitiu que não sofressem grandes danos económicos e sociais. Os EUA eram o principal fornecedor de armas e de outros produtos aos países aliados, e a maioria destas transações eram pagas em ouro, fazendo com que os EUA se tornassem proprietários de grande parte do ouro existente. Isto teve como consequência a impossibilidade de regressar ao ouro como padrão nos países que esgotaram todas as suas reservas.

Em 1944, os delegados dos 30 países aliados da OTAN<sup>20</sup> reuniram-se em Bretton Woods, New Hampshire, de modo a criar um sistema de gestão de moeda que não prejudicasse nenhum país. Foi decidido que nenhuma moeda seria mais vinculada ao padrão do ouro. Este acordo ficou conhecido como o Acordo de Bretton Woods e estabeleceu que os bancos centrais teriam que manter as taxas de câmbio fixadas entre as moedas locais e o dólar. O dólar ganhou um outro protagonismo depois deste acordo até porque as moedas locais poderiam desvalorizar ou valorizar em relação ao dólar.

Atualmente, o dólar continua a ser a moeda de reserva. Os bancos centrais detêm cerca de 59% das suas reservas em dólares.<sup>21</sup> Muitas destas reservas são em dinheiro ou em títulos do tesouro. A dívida em dólares contraída por vários países continua a aumentar e, em 2022, atingirá cerca de 13 mil biliões de dólares. Este fator é de muitos que faz com que o dólar seja a moeda mais forte do mundo.

Porém, a soberania do dólar poderá acabar num futuro próximo. Existem alternativas fortes que podem

---

<sup>20</sup> Albânia, Alemanha, Bélgica, Bulgária, Canadá, Chéquia, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, EUA, Estónia, França, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Macedónia do Norte, Montenegro, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, Roménia, Turquia. Fonte: <https://eurocid.mne.gov.pt/empregos/nato-composicao>

<sup>21</sup> Fonte: <https://www.imf.org/en/Blogs/Articles/2022/06/01/blog-dollar-dominance-and-the-rise-of-nontraditional-reserve-currencies>

substituir o dólar como moeda de reserva mundial. Desde logo, o euro é a segunda moeda mais usada depois do dólar e pode vir a substituir o dólar caso haja condições económicas favoráveis. Outra moeda forte é o renminbi que pode também vir a superar a importância do dólar dentro da próxima década, sendo aliás este um dos objetivos dos líderes chineses.

## 4.3 Indicadores económicos

### População

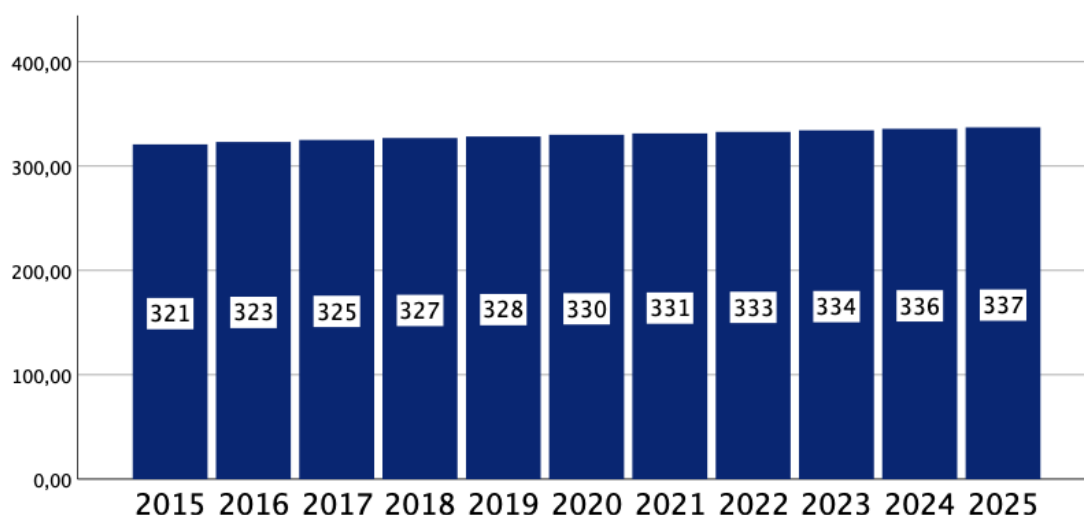


Gráfico 6. População total dos EUA, em milhões (2015-2025). Fonte: Statista

A população dos EUA é a terceira maior do mundo, com cerca de 333 milhões de habitantes, em outubro de 2020, segundo o Statista. Historicamente, a população norte-americana atingiu este recorde de 333 milhões de pessoas, mas, em 1950, foi o ano em que se registou a menor população nos EUA, cerca de 155 milhões de pessoas. A idade média da população dos EUA é de 38,5 anos (World Population Review, 2022).

Observando o Gráfico 6, podemos constatar que o crescimento da população norte-americana tem sido constante, mas a um ritmo lento. Entre 2015 e 2021 a população cresceu em apenas 10 milhões. O envelhecimento populacional, a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da taxa de mortalidade tiveram um impacto considerável na população norte-americana.

## PIB

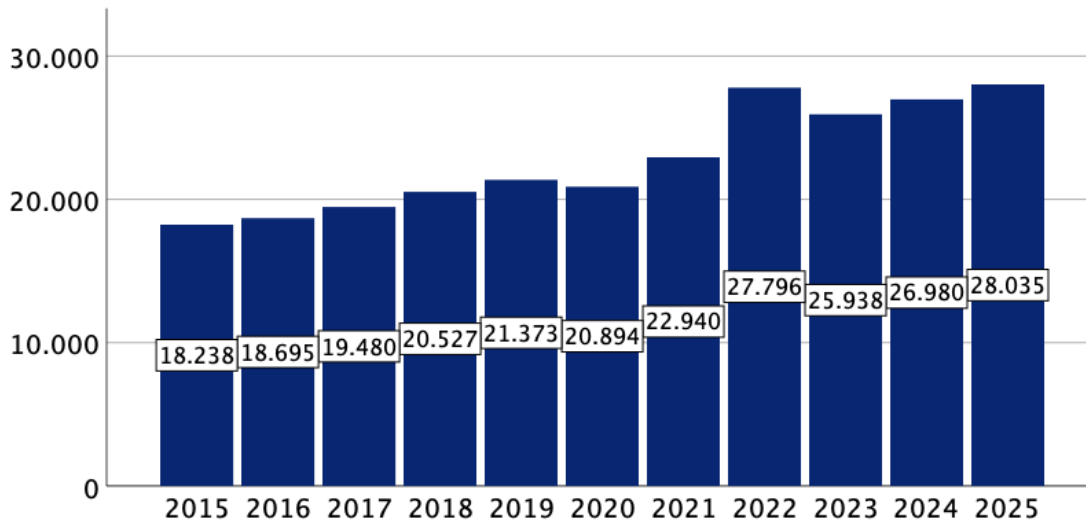


Gráfico 7. PIB dos EUA, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statista

A economia norte-americana desacelerou cerca de 0,6% no segundo trimestre de 2022, confirmando assim que entrou em recessão técnica, após uma queda também de 1,6% no primeiro trimestre de 2022. O Instituto de Análise Económica dos EUA aponta para um ligeiro crescimento do PIB de cerca de 0,2% com a expectativa que haja um aumento das taxas de juro que posteriormente possam desencadear um abrandamento na atividade económica.

De 1947 a 2022, o PIB norte-americano teve um crescimento médio de 3,18%. No terceiro trimestre de 2020, os EUA atingiram um pico histórico de crescimento do PIB de cerca de 35,30%. Porém, no sentido inverso, no segundo trimestre de 2020, houve uma baixa histórica do PIB de cerca de -29,90% (Trading Economics, 2022).

Analisando o Gráfico 7, podemos concluir que o PIB norte-americano tem crescido constantemente entre 2015 e 2025, com exceção do ano de 2020 em que houve uma queda no PIB. Entre 2015 e 2018 o PIB norte-americano cresceu cerca de 3 mil milhões de dólares. Em 2020 o PIB norte-americano teve uma ligeira queda relativamente ao ano de 2019, mas ainda assim manteve-se superior aos anos anteriores. Esta queda do PIB está relacionada com a pandemia de COVID-19.

Após a ligeira queda que se verificou em 2020, os anos seguintes têm uma previsão muito positiva, especialmente 2025 com um aumento significativo do PIB norte-americano possivelmente relacionada com a retoma económica em pleno após da fase mais agravada da pandemia COVID-19.

## PIB *per capita*

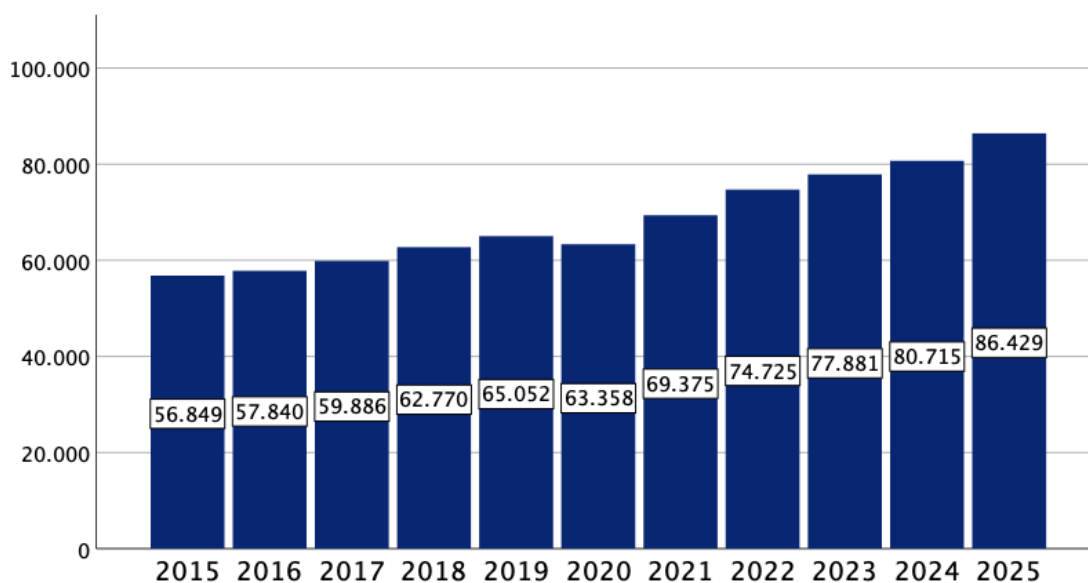


Gráfico 8. PIB *per capita* dos EUA, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statistica

O PIB *per capita* nos EUA é o equivalente a 485% da média mundial, segundo o Banco Mundial. De 1960 a 2021, o PIB *per capita* nos EUA teve um crescimento médio anual de 39.790,92 dólares, com o recorde máximo histórico registado em 2021, nos cerca de 61.280,30 dólares, e o recorde mínimo histórico registado em 1960, nos cerca de 19.135,27 dólares (Trading Economics, 2022).

Como podemos averiguar pelo Gráfico 8, o PIB *per capita* dos cidadãos norte-americanos têm vindo a aumentar desde 2015 de uma forma constante, com exceção de 2020 em que houve uma pequena queda devido à crise pandémica, e o valor caiu para os 63.358 milhões de dólares. Em 2021 houve uma rápida recuperação e o PIB *per capita* dos norte-americanos aumentou para 69.375 milhões de dólares. As previsões para 2025 são muito otimistas e espera-se que o PIB *per capita* dos norte-americanos atinja os cerca de 86.429 milhões de dólares.



## Taxa de desemprego

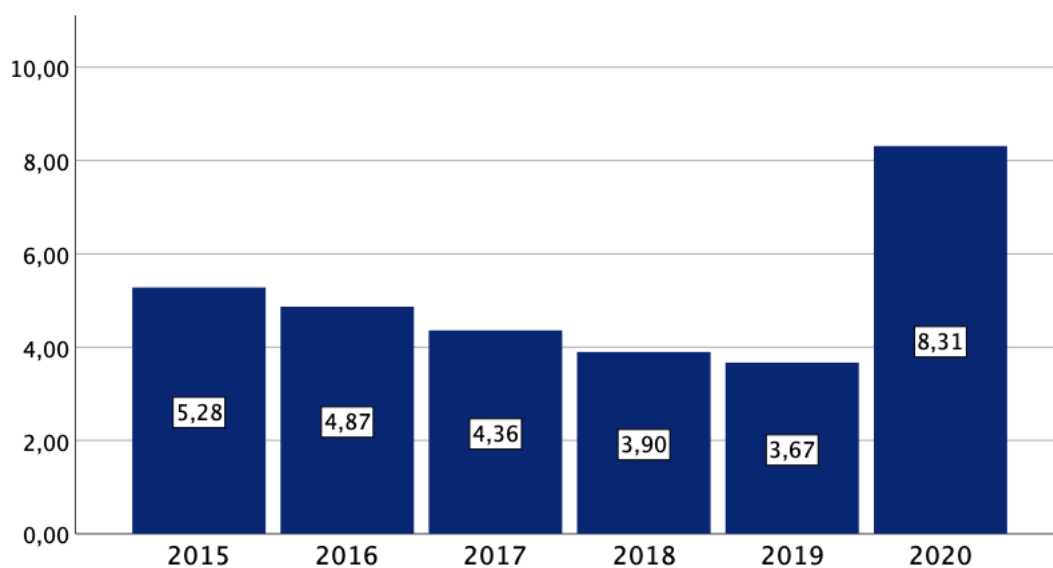


Gráfico 9. Desemprego nos EUA (%). Fonte: Statistica

O recorde histórico da taxa de desemprego nos EUA foi atingido em abril de 2020 devido ao pico da pandemia de COVID-19, em que o valor se encontrava no 8,31%. Já em agosto de 2022, a taxa de desemprego rondava os 3,70%.<sup>22</sup>

Observando o Gráfico 9, podemos extrapolar que o desemprego norte-americano tem vindo a diminuir nos últimos anos, com exceção do ano de 2020 que teve um aumento exponencial para 8,31%, devido ao impacto da pandemia COVID-19 no mercado de trabalho norte-americano.

<sup>22</sup> Fonte: <https://www.bls.gov/news.release/pdf/empsit.pdf>

## Taxa de inflação

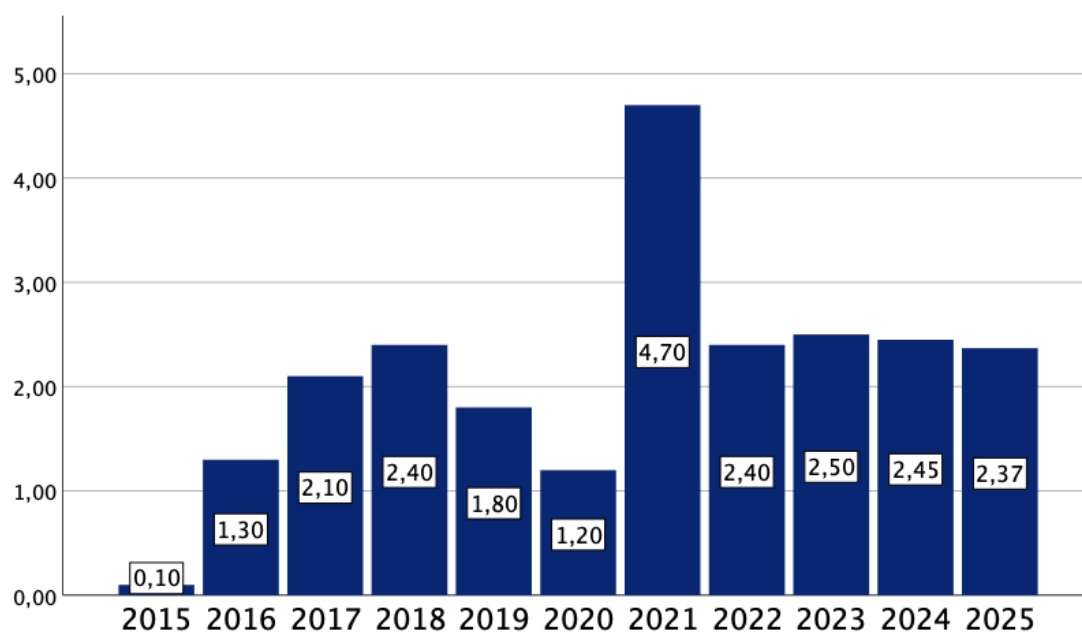


Gráfico 10. A inflação nos EUA (%). Fonte: Statistica

A taxa de inflação nos EUA aumentou para 6,6% em setembro de 2022, a maior subida desde 1982. O impacto do conflito russo-ucraniano alterou qualquer previsão feita pelos analistas devido à subida dos preços dos produtos alimentares, energia e serviços (US Bureau of Labor Statistics, 2022).

Apesar de atualmente estar a um nível superior ao previsto, como podemos ver pelo Gráfico 10, a taxa de inflação tem tendência a diminuir para 2,50% em 2023 e para 2,45% em 2024.

Contextualizando, a taxa de inflação norte-americana é em média cerca de 3,61% entre 1957 a 2022, atingindo um pico histórico em junho de 1980 nos cerca de 13,60%. Em maio de 1975 a taxa de inflação foi de 0% (Trading Economics, 2022).

No Gráfico 10 conseguimos ainda observar que a inflação nos EUA tem aumentado significativamente desde 2015. Entre 2015 e 2018 a inflação passou de 0,10% para 2,40%, tendo reduzido em 2020 para 1,20%, e aumentado de forma ainda mais expressiva para 4,70% em 2021. As previsões para 2025 são que a inflação nos EUA ronde entre 2,30% e 2,50%.

## 4.4. Crise da cadeia de abastecimento

Os EUA enfrentaram e continuam a enfrentar uma escassez generalizada de bens de consumo. A crise da cadeia de abastecimento interrompeu o consumismo norte-americano, quando outrora era impensável

verificar-se falta de *stock* de bens de consumo. Desde o início da pandemia de COVID-19 que os constrangimentos no fornecimento de bens de consumo afeta todos os países, e os EUA não são exceção. Grandes retalhistas como o Walmart, que tem as suas fábricas na China, foram afetados devido às restrições implementadas na China com a finalidade de controlar a pandemia.

Para perceber a logística da cadeia de abastecimento norte-americana iremos começar por analisar a indústria de transportes de contentores de mercadorias. Em 2017, 80% da capacidade de transporte marítimo estava concentrada em três grandes empresas: 2M, THE Alliance e Ocean Alliance. Estas três empresas fizeram uma aliança e definiram objetivos comuns no volume de comércio transportado, ou seja, monopolizaram a indústria de transportes marítimos de contentores nos EUA e, por isso, tinham o poder de aumentar preços ou reduzir a produção, prejudicando assim os consumidores. Este é um dos primeiros problemas que contribuiu para a recente crise da cadeia de abastecimento nos EUA (Knight, 2022).

A indústria de transportes marítimos exige que existam portos, recursos humanos e equipamento para descarregar. O porto de Los Angeles, que recebe cerca de 40% dos contentores dos EUA, esteve congestionado durante vários dias durante o período mais crítico da pandemia, em 2020 e com atrasos constantes devido à falta de capacidade em escoar os contentores. A falta de mão de obra, camionistas e armazenamento dificultou o escoamento dos contentores. Esta incapacidade de escoamento fez com que a Casa Branca adotasse medidas como o funcionamento dos portos durante 24 horas, sete dias por semana (Kent & Haralambides, 2022).

Para além de todas as restrições já mencionadas, existe ainda a falta de capacidade de armazenamento dos contentores. O investimento em instalações de logística de armazenamento tem reduzido desde 2009. Esta capacidade reduzida de armazenamento já estava em crise bem antes da pandemia de COVID-19 que só a veio reforçar.

O American Transportation Research Institute relata um recorde histórico na escassez de camionistas. Os EUA estão a reforçar a contratação de camionistas com idades entre os 18 e 20 anos para substituir a população envelhecida de motoristas norte-americanos, visto que cerca de 30% destes motoristas têm mais de 55 anos.

A falta de condições, as restrições e o número elevado de horas na estrada fez com que muitos motoristas desistissem da sua profissão e a indústria de transporte terrestre de mercadorias foi muito prejudicada, fazendo com que se verificasse a falta de fornecimento de produtos.

O consumo norte-americano também mudou radicalmente como consequência da pandemia de COVID-19, devido ao fecho de cinemas, lojas e restaurantes. Impossibilitadas de sair de casa ou ir de férias, as famílias norte-americanas mudaram o seu perfil de consumo e começaram a comprar grandes quantidades de bens e serviços. As famílias começaram a investir em novos bens para casa, nomeadamente, montando escritórios e ginásios. Disto resultou que os EUA importassem mais bens físicos que nunca. Este consumo também afetou

a capacidade norte-americana em descarregar, armazenar e transportar bens.

A escassez mundial de semicondutores afetou a produção de carros e de produtos tecnológicos como smartphones, consolas de videojogos, computadores, etc. Empresas norte-americanas como a Apple suspenderam a produção do novo iPhone devido à falta de chips. Esta escassez está a afetar a economia de empresas norte-americanas que não tem produtos para vender devido às restrições aplicadas na China. A indústria de semicondutores é complexa. Inclui muitos tipos diferentes de *chips*, além de máquinas para fabricação de semicondutores. Os EUA estão a perder a capacidade em todos os elos da cadeia. A participação global dos EUA na produção de semicondutores agora é de apenas 12%, quando em 1990 era de 37%.

É importante salientar que grande parte dos produtos que entram nos EUA são provenientes da China. As empresas com sede nos EUA têm as suas fábricas de produção na China e é por esta razão que os EUA estão agora muito dependentes da mão de obra chinesa, tal como vários outros países, e é preciso identificar alternativas viáveis.

A pandemia de COVID-19 revelou que as empresas precisam de gerir melhor o risco da cadeia de abastecimento. Atualmente, as empresas multinacionais que têm o seu centro de produção na China estão a tomar decisões como, por exemplo, a deslocalização dos centros de produção para fora da China e mais próximo do mercado alvo.<sup>23</sup>

Durante a pandemia de COVID-19, as empresas norte-americanas decidiram adotar o *reshoring*<sup>24</sup> e *nearshoring*<sup>25</sup>, que significaram um retorno da produção para os EUA. Para este país, o *nearshoring* consiste na deslocação da produção e das operações para o Canadá e para o México. O Vietname também foi um dos países escolhidos para o deslocamento da produção por parte de muitas empresas norte-americanas devido aos confinamentos da China. Por exemplo, a Apple produziu os seus últimos produtos no Vietname; a Amazon, a Google e o Facebook mudaram também a sua produção de servidores da China para o Taiwan.

A retirada e a deslocação das empresas norte-americanas para outros países é vista como uma medida para conter o regime autoritário chinês.

---

<sup>23</sup> Fonte: <https://www.voanews.com/a/why-companies-decide-to-leave-or-stay-in-china/6785552.html>

<sup>24</sup> *Reshoring* é o processo de retorno da produção mercadorias ao país de origem da empresa. *Reshoring* também é conhecido como *onshoring*, *inshoring* ou *backshoring*.

<sup>25</sup> O *nearshoring* acontece quando uma organização decide transferir o trabalho para empresas mais económicas e geograficamente mais próximas. Este modelo de trabalho possibilita que as empresas transfiram as suas operações para um local mais próximo e com um melhor custo-benefício.

## 5. Análise comparada entre China e EUA: Indicadores económicos

### População

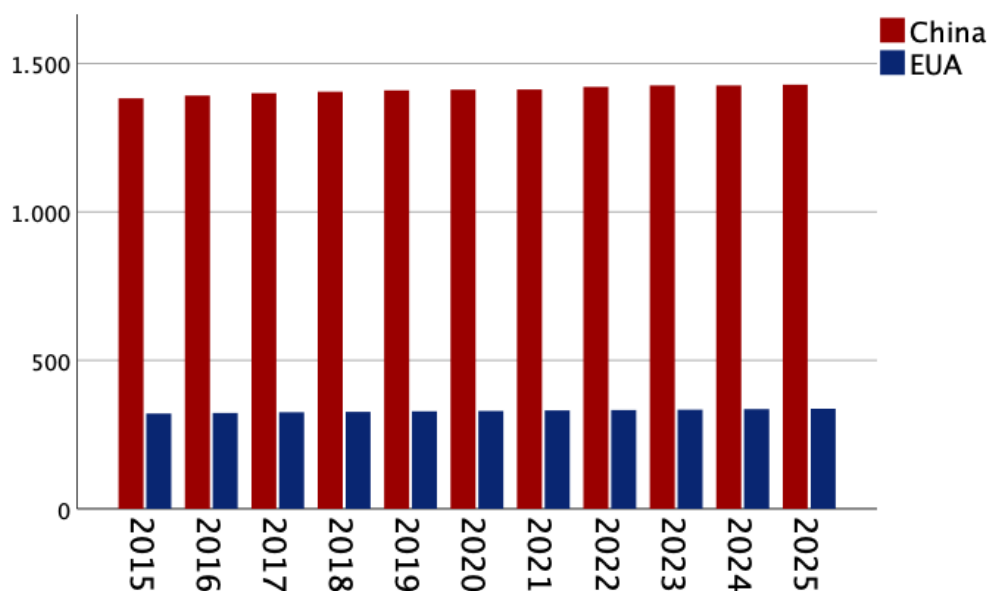


Gráfico 11. A população total dos EUA e da China, em milhões (2015-2025). Fonte: Statistica

Analisando os resultados apresentados no Gráfico 11, pode observar-se que a densidade populacional entre os EUA e a China é significativamente discrepante. A população chinesa é mais de três vezes superior à população norte-americana. Por outro lado, apesar da população de ambos os países estar a aumentar anualmente, a população chinesa está a aumentar a um ritmo mais acelerado do que a população norte-americana. É importante salientar que dois dos países com a maior população do mundo são a China, em primeiro lugar, com cerca 1.421 milhões de pessoas, e os EUA, em terceiro lugar, com cerca de 333 milhões. A população chinesa e norte-americana representa cerca de 22,7% da população mundial (Statistics Times, 2021). Entre 2015 e 2020, a taxa de fecundidade na China é de 1,69 nascimentos por mulher, sendo menor a taxa dos EUA que é de 1,78 (Statistics Times, 2021).

A população chinesa é atualmente muito superior à norte-americana, mas espera-se que haja um abrandamento do crescimento da população chinesa em 2100, sendo que hoje a taxa de crescimento populacional da China é inferior à dos EUA devido à Política do Filho Único (Forbes, 2020).

## PIB

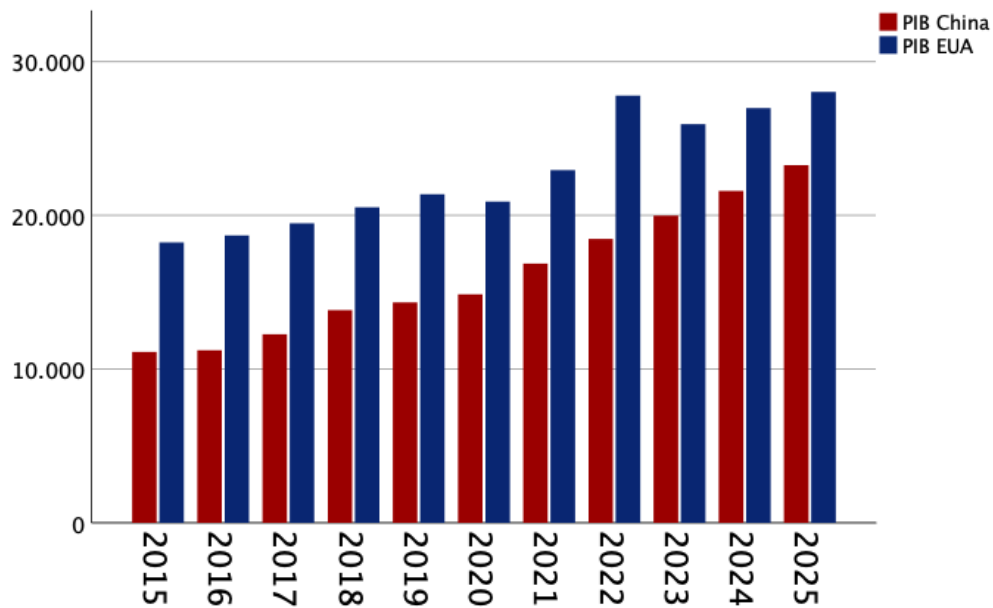


Gráfico 12. O PIB dos EUA e da China, em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statista

Como já foi referido, a China e os EUA são as duas maiores economias do mundo. Segundo o Banco Mundial (Mckinsey Global Institute), o PIB chinês era de cerca 11% do PIB total dos EUA em 1960 e em 2019 já era de 67%, ou seja, verificou-se um crescimento exponencial do PIB chinês nos últimos anos, e a tendência, segundo dados do Statista, é que continue a aumentar.

Analisando o Gráfico 12, pode observar-se que o crescimento e a previsão de crescimento do PIB chinês e norte-americano revelam que a China está cada vez mais próxima do seu principal rival. Ainda assim, os EUA continuam líderes no PIB em termos mundiais. Contudo, tem havido um crescimento significativo da China. Desde 2015 a China tem vindo a aumentar o seu PIB e, mesmo em 2020, quando os EUA tiveram uma queda, a China teve um aumento. A previsão é que em 2025 a China esteja muito próxima dos EUA, podendo até ultrapassar o PIB deste país nos próximos anos, traduzindo-se isto na queda da hegemonia norte-americana.

## PIB per capita

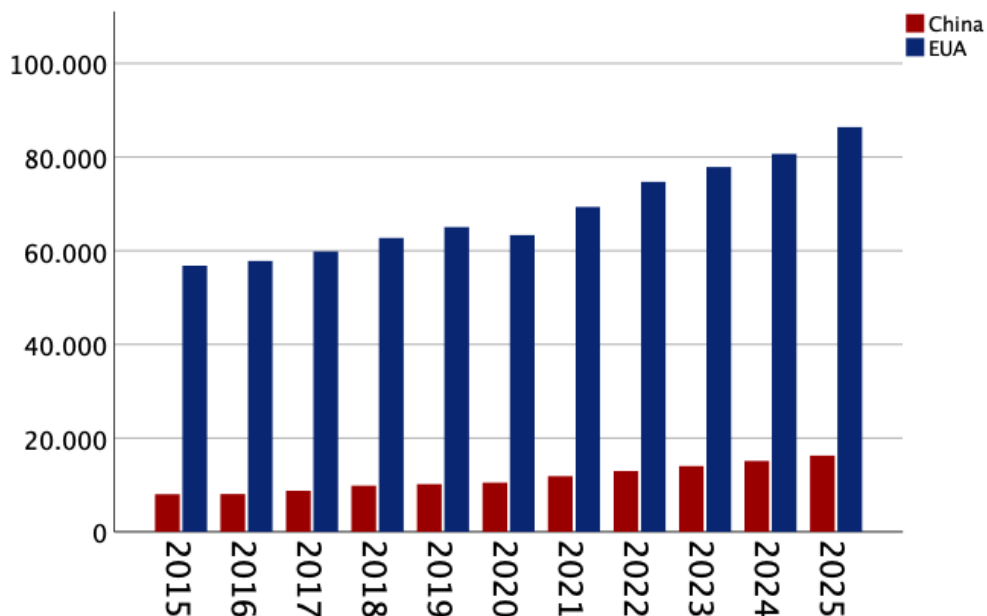


Gráfico 13. O PIB per capita dos EUA e da China em milhões de dólares (2015-2025). Fonte: Statista

Se, através do Gráfico 13, compararmos o PIB *per capita* da China e dos EUA, podemos notar que este é muito desigual. Os EUA têm um PIB *per capita* muito superior ao da China. Apesar do PIB *per capita* da China estar a aumentar desde 2015, este crescimento não consegue acompanhar o nível do PIB *per capita* dos habitantes norte-americanos. Um dos motivos para haver uma discrepância expressiva entre estes dois países poderá estar relacionado com o número de habitantes de cada país, visto que a população da China é a maior do mundo.

## Taxa de desemprego

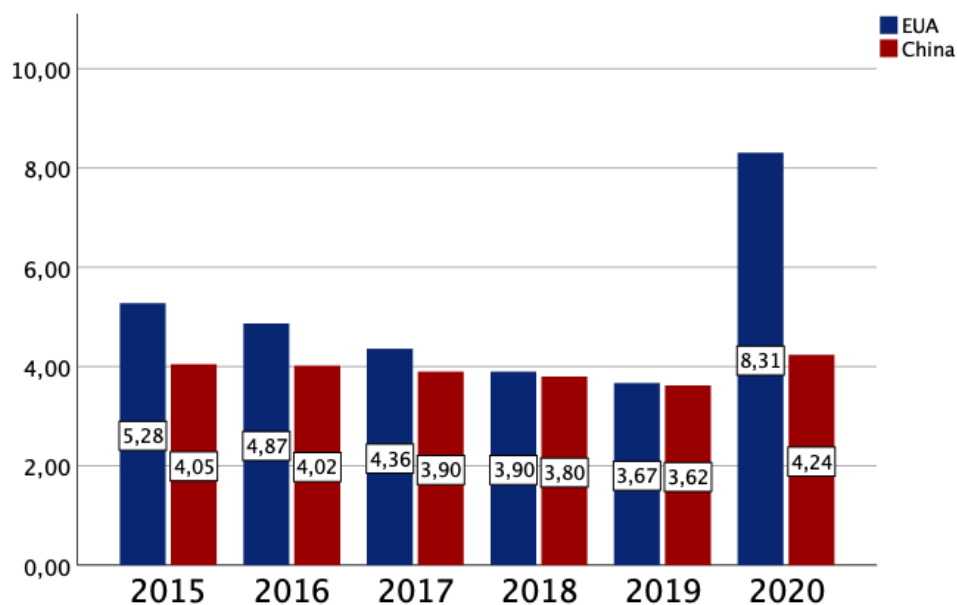


Gráfico 14. O desemprego nos EUA e na China (%). Fonte: Statista

O Gráfico 14 assinala que a taxa de desemprego nos EUA e na China entre 2015 e 2020 não difere muito. Em 2015 os EUA apresentavam uma taxa de desemprego de 5,28% e a China de 4,05%. Esta tendência manteve-se nos anos seguintes em que o desemprego diminuiu em ambos os países. Porém, a China apresentava uma taxa de desemprego menor do que a dos EUA, mesmo em 2020, quando o desemprego disparou em ambos os países. O país que apresentou uma taxa de desemprego mais elevada foi os EUA com 8,31%, uma subida muito acentuada, enquanto a China estava com 4,24%, uma subida muito ligeira face ao ano anterior.



## Empresas unicórnio

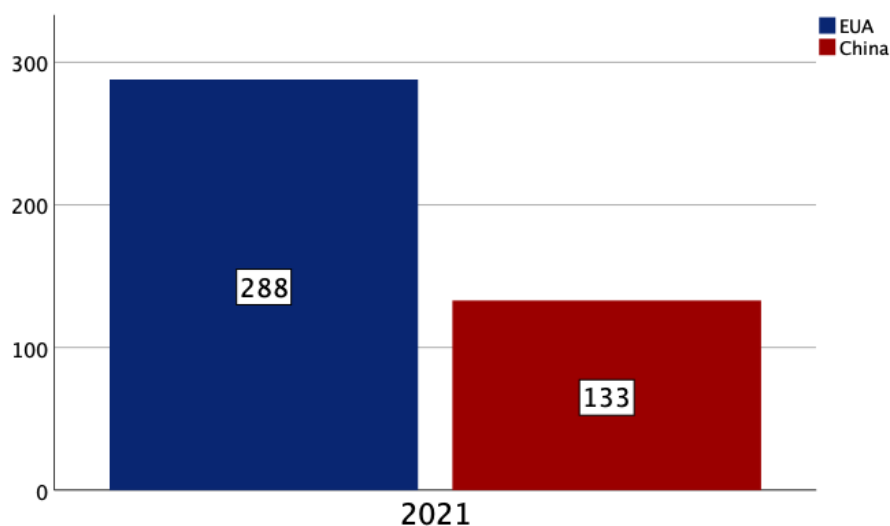


Gráfico 15. Número de empresas unicórnio nos EUA e na China. Fonte: Statistica

Em março de 2022, segundo a CB Insights, havia cerca de 1.068 empresas avaliadas em mil milhões de euros. Os EUA são o país onde hoje existem mais empresas unicórnio<sup>26</sup>, seguidos pela China e pela Índia. Das dez maiores empresas unicórnio no mundo, cinco estão sediadas nos EUA e duas estão na China (Buchholz, 2022) (Statistica, 2022).

De acordo com o Gráfico 15, o número de empresas unicórnio entre os EUA e a China é desigual, pois os EUA têm mais do dobro do número de empresas avaliadas em mais de mil milhões de dólares. Os EUA têm cerca de 288 empresas avaliadas em mais de mil milhões de dólares, enquanto a China tem cerca de 133 empresas deste tipo com sede na China ou de origem chinesa.

---

<sup>26</sup> São chamadas de unicórnios as *startups* tecnológicas que são avaliadas em mais de mil milhões de dólares. Alguns exemplos deste tipo de empresas são a Farfetch, a Dropbox ou a SpaceX. Estas empresas são avaliadas com base nas suas oportunidades de mercado e no seu potencial de mercado, a longo prazo.

## Taxa de inflação

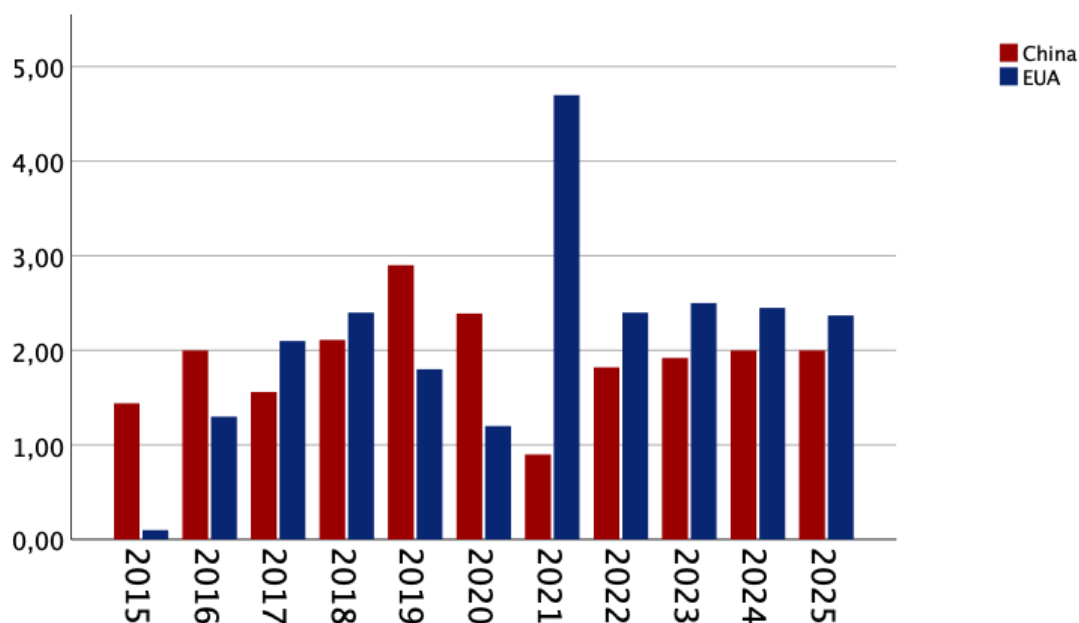


Gráfico 16. A inflação nos EUA e na China (%). Fonte: Statistica

Como pode ser observado pelo Gráfico 16, a taxa de inflação nos EUA e na China tem seguido a mesma tendência desde 2015, isto é, tem-se verificado uma subida na inflação de ambos os países. Em 2015 e 2016 a inflação na China era superior à dos EUA. Já nos anos 2017 e 2018 a inflação nos EUA era superior à da China. Nos dois anos seguintes (2019 e 2020) a tendência inverteu-se novamente e a inflação na China passou a ser superior relativamente à dos EUA. 2021 foi o ano em que a inflação foi mais distinta entre ambos os países. A China viu a sua inflação diminuir para 0,90% enquanto os EUA viram a sua inflação aumentar para 4,70%. As previsões entre 2022 e 2025 são mais equilibradas entre ambos os países mas, ainda assim, prevê-se que a inflação nos EUA seja ligeiramente superior e ronde em média os 2,40%, enquanto a inflação na China rondará em média os 1,90%.

## Moeda

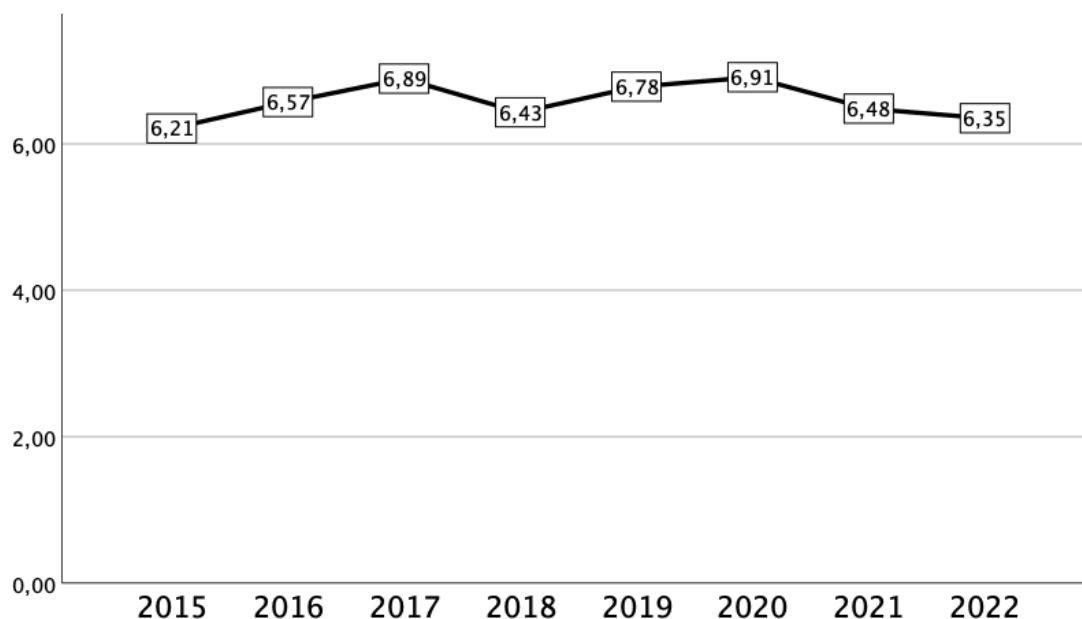


Gráfico 17. Evolução do renminbi face ao dólar. Fonte: Statistica

Apesar da China estar a trabalhar arduamente para que a sua moeda seja reconhecida como moeda de transação internacional, destronando o dólar, existem muitas reservas em relação ao renminbi poder alcançar o dólar. Estas reservas relacionam-se com a estabilidade da moeda, já que o Banco da China regula fortemente renminbi em vez de permitir que ele seja negociado de forma livre; a liquidez, visto que o mercado dos títulos do Tesouro norte-americano é o mercado com maior liquidez no mundo; a segurança, tendo em conta que os mercados financeiros da China não transparentes e existe uma sensação de falta de segurança (Amadeo, 2021).

Pelo Gráfico 17 podemos observar que a evolução do renminbi face ao dólar tem sofrido algumas oscilações. Em 2015, 1 dólar era equivalente a 6,21 renminbis, mas a cotação da moeda chinesa tem sofrido uma depreciação desde 2016. Em 2020, 1 dólar era o equivalente a 6,91 renminbis. A partir de 2021 o renminbi valorizou-se face ao dólar, mas nunca atingiu um valor significativo que a pudesse colocar como umas das moedas mais valiosas.

Em outubro de 2022, 1 dólar era equivalente a 7,19 renminbis, verificando-se assim uma forte desvalorização da moeda chinesa.<sup>27</sup>

<sup>27</sup>O valor do renminbi face ao dólar no mês de outubro de 2022. Fonte: <https://www.bloomberg.com/quote/USDCNY:CUR>

## Exportações

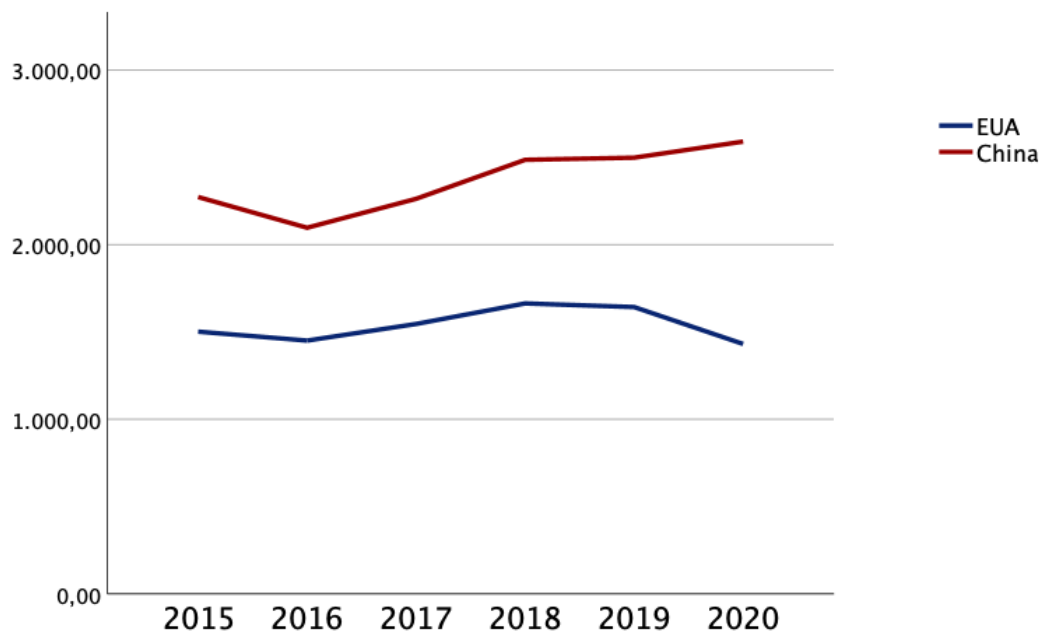


Gráfico 18. Volume de exportações dos EUA e da China, em milhões. Fonte: Statista

O volume de exportações da China e dos EUA é muito significativo. De acordo com o Gráfico 18, podemos notar que, nos últimos 5 anos, o volume de exportações da China esteve sempre acima do volume de exportações dos EUA. A China tem o seu volume de exportações acima dos 2 mil milhões de dólares, enquanto os EUA estão com 1.5 mil milhões de dólares desde 2015 até 2020.

Desde 2016 o volume de exportações da China tem vindo a aumentar de modo significativo face ao dos EUA. Em 2020 a China apresentava um volume de exportações a rondar os 2.8 mil milhões de dólares enquanto os EUA tinham um volume perto dos 1.3 mil milhões de dólares.

Ambos os países são os maiores exportadores do mundo, sendo que em primeiro lugar está a China e em segundo lugar estão os EUA, com alguma distância em relação aos primeiros.

## Empresas tecnológicas

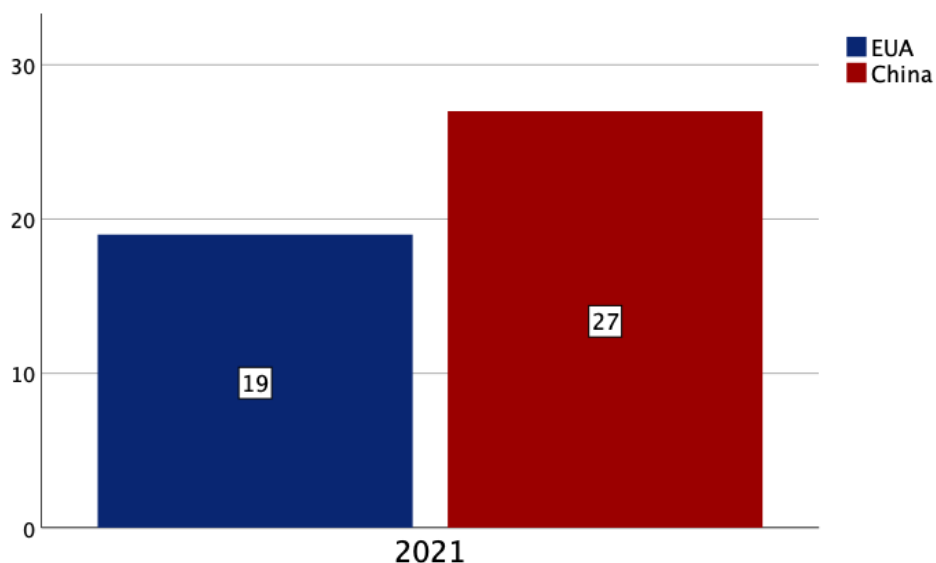


Gráfico 19. Número de empresas tecnológicas nos EUA e na China. Fonte: Statista

As empresas gigantes de tecnologia são extremamente relevantes pois afetam a população numa escala mundial. Alguns exemplos destas empresas são a Apple, a Google, o Facebook, a Amazon e a Alibaba. Estas empresas são empresas líder e com um volume significativo de utilizadores que lhes dão o poder de influenciar o consumo e tomada de decisões de um vasto leque de pessoas. Normalmente estas empresas gigantes de tecnologia também são consideradas empresas unicórnios.

De acordo com o Gráfico 19, em 2021, a China tinha cerca de 27 empresas tecnológicas, enquanto os EUA possuíam cerca de 19 empresas. Porém, na China, o número de empresas tecnológicas têm vindo a aumentar e entre elas encontram-se hoje a Alibaba, a Tencent, a Baidu, a Didi Xuxing e a Huawei.

## Dívida pública

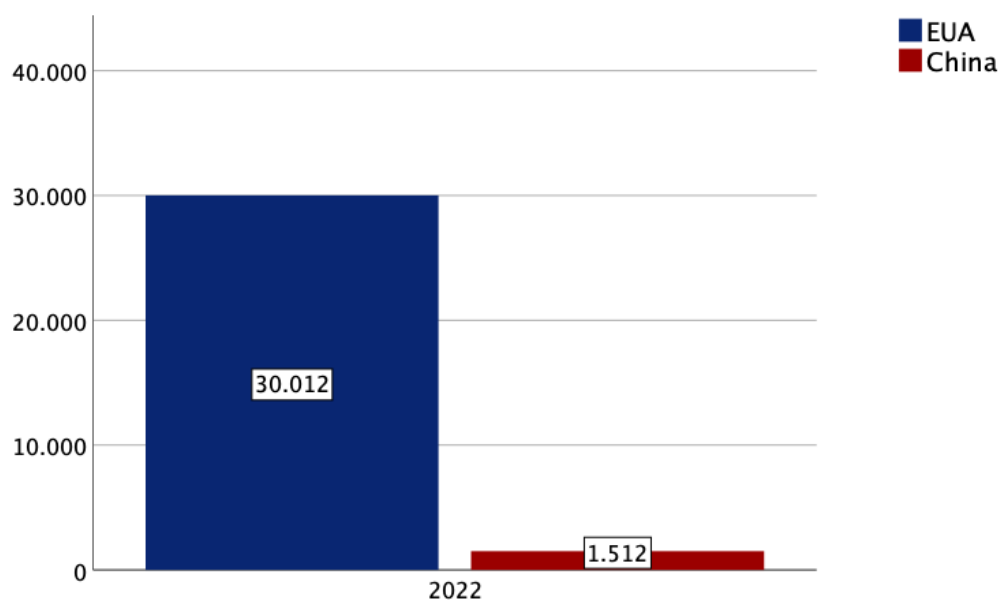


Gráfico 20. Dívida pública nos EUA e na China, em milhões de dólares. Fonte: Statistica

A dívida pública mede o endividamento das administrações públicas de um país. A dívida pública corresponde ao montante acordado que as administrações públicas têm de pagar aos credores na data de vencimento. A dívida pública é um dos indicadores financeiros mais importantes para analisar a saúde da economia de um país.<sup>28</sup>.

A nível comparativo, segundo o Gráfico 20, em 2022, a dívida pública da China era de 1.511,93 milhões de dólares, enquanto a dívida pública norte-americana era de 30.012,39 milhões de dólares, ou seja, a dívida pública dos EUA é 20 vezes superior à da China.

Em outubro de 2022, o valor da dívida pública norte-americana atingiu valores históricos: 31 mil biliões de dólares. Este valor deixa os norte-americanos apreensivos devido ao possível impacto, nomeadamente, com o aumento das taxas de juro e da inflação (Napoletano, 2022).

<sup>28</sup>Fonte: <https://www.bportugal.pt/page/o-que-e-divida-publica>

## 6. Impacto do conflito russo-ucraniano na economia dos EUA e da China

O conflito entre a Rússia e a Ucrânia está a gerar uma nova vaga de recessão económica mundial. A OCDE prevê que a expansão económica abrande nos próximos dois a três anos, sendo o conflito entre a Rússia e a Ucrânia o principal motivo.

A OCDE prevê ainda que haja um abrandamento acentuado do crescimento económico de 3% no ano de 2022 e de cerca de 2,8% em 2023. A inflação também irá dificultar o crescimento do poder de compra. Aliás, a OCDE prevê que, em 2022, a inflação média esteja nos 8,8% e que irá afetar algumas das maiores economias do mundo, como o Reino Unido, os EUA e a França.

No sentido inverso à recessão encontra-se a economia chinesa que, em 2022, deve crescer cerca de 4,4% e, em 2023, cerca de 4,9%.

O crescimento do PIB norte-americano, segundo a OCDE, vai ser mais reduzido, cerca de 2,46% em 2022. Já a inflação nos EUA vai atingir os 5,9%. Em dezembro de 2021 havia uma previsão de 3,73% para o crescimento do PIB e de 4,4% para o valor da inflação.

O conflito russo-ucraniano terá um grande impacto económico e social em vários países mas a Europa será o continente que mais sofrerá com ele. O preço da energia irá aumentar e irá inevitavelmente verificar-se um maior fluxo de refugiados.

As previsões são que o investimento imobiliário na China permaneça reduzido, mas que as exportações se mantenham relativamente fortes. As grandes reservas de petróleo e grão da China devem mitigar o impacto do aumento global dos preços da energia e dos bens essenciais como alimentos (Financial Times, 2022).

Este conflito poderá reduzir o crescimento económico e as oportunidades de trabalho em todo o mundo. Contudo, a OCDE diz ainda que existe bastante incerteza e é difícil prever a duração e o escalar desse conflito.

A escassez dos semicondutores já era considerada grave, mas atualmente com a guerra espera-se que haja uma interrupção na cadeia de abastecimento. A China é dependente da produção de *chips* para o fabrico dos produtos eletrónicos que exporta. A Ucrânia e a Rússia são países fundamentais na cadeia de abastecimento pois produzem metais preciosos para fazer *chips* usados em todo o tipo de tecnologia e produtos que são usados diariamente, nomeadamente smartphones e automóveis elétricos (CNBC, 2022)<sup>29</sup>.

No conflito russo-ucraniano, os EUA e a UE usaram o sistema SWIFT para sancionar a Rússia. A Rússia ripostou com cortes de abastecimento de gás a países da Europa como França e Alemanha, que dependem do gás russo. O euro e a Europa estão a ser fustigados com os aumentos da energia. Apesar de a Europa e a Rússia estarem numa posição internacional enfraquecida, os EUA e a China seguem menos afetados pelo impacto

---

<sup>29</sup> Fonte: <https://www.cnbc.com/2022/03/18/how-the-russia-ukraine-crisis-could-hit-chinas-trade.html>

deste conflito.



## 7. Indicadores económicos de futuro próximo dos EUA e da China

Em abril de 2021, o FMI previu que o PIB da China irá atingir cerca de 90% do PIB dos EUA em 2026, podendo igualar o PIB norte-americano nos dois anos seguintes. As instituições internacionais prevêem que, em 2030, o PIB chinês seja superior ao PIB norte-americano. Caso a China mantenha a taxa média de crescimento anual a 5% e os EUA mantenham a mesma taxa a 2%, os EUA podem cair para segundo lugar como a maior potência mundial já em 2030. Os próximos 8 anos são cruciais para a China se desenvolver e ganhar posição como a maior potência mundial.

O PIB não é o único indicador económico em que a China pode ultrapassar os EUA até 2030. Existem outros indicadores onde a China poderá ultrapassar os EUA, nomeadamente indicadores relacionados com ciência e tecnologia. A China poderá ultrapassar os EUA no número de patentes, no número de empresas unicórnio e no número de prémios Nobel. A China também está num bom caminho para ultrapassar os EUA no que toca a indicadores relacionados com a tecnologia. Nomeadamente, em alguns setores como inteligência artificial, 5G e semicondutores. A nível populacional, a China já é o país com mais população e, até 2030, a tendência é aumentar. Os EUA também prevêem um aumento de população, mas que não se aproxima dos valores da população chinesa.

A diferença de poder entre a China e os EUA está presente em diversos indicadores, sejam eles explícitos ou implícitos. Os indicadores explícitos são indicadores com visibilidade, como é o caso do poder militar, do poder monetário e do poder tecnológico. Os indicadores implícitos referem-se a fatores que não são visíveis, isto é, relacionados com o *soft power*<sup>30</sup>, e são indicadores mais difíceis de quantificar.

Existe uma grande diferença educacional e cultural entre a China e os EUA. Apesar da China ser capaz de produzir a mesma qualidade e quantidade a nível de talento na área da ciência e tecnologia que os EUA, a China não tem as melhores universidades ao contrário dos EUA que têm oito das dez melhores universidades do mundo.

O futuro próximo entre a China e os EUA vai ser muito competitivo. A China procura alcançar uma transformação qualitativa da economia e do seu poder de governação interno nos próximos anos. Este desenvolvimento interno na China é também uma estratégia internacional e pode determinar a transformação da China de possuir vantagem sobre os EUA.

A economia norte-americana tem atualmente três grandes bolhas: a dívida, a inflação e o mercado de ações. A taxa de inflação atingiu 8% em 2022, o valor mais elevado dos últimos 40 anos. Apesar da taxa de inflação da China estar a aumentar cerca de 2%, esta não é tão elevada como a taxa de inflação dos EUA (FMI,

---

<sup>30</sup> O *soft power* é a capacidade de afetar os outros para obter os resultados que se prefere, e isso pode ser realizado por coerção, pagamento ou atração e persuasão. *Soft power* é a capacidade de obter resultados preferidos por atração, em vez de coerção ou pagamento. (Nye, 1990)

2022).

Existem ainda muitas incertezas quanto ao futuro e ao país poderá ser a próxima potência mundial. Alguns autores indicam que a China poderá ser a próxima potência mundial (Tunsjø,, 2018); outros indicam que os EUA vão continuar como potência mundial (The Wall Street Journal, 2022). A tendência das relações sino-americanas é seguir uma relação pacífica e saudável, de modo a que possam partilhar a responsabilidade, enquanto os dois maiores países do mundo, de manter a paz e estimular o desenvolvimento.

## Conclusões

A previsão que pretendemos expor é com base em indicadores já publicados, no entanto, alguns pressupostos poderão revelar-se incorretos devido a acontecimentos imprevisíveis como conflitos armados ou pandemias.

Na década de 1870, os EUA ultrapassaram a principal potência mundial da época, a Grã-Bretanha, e tornaram-se a principal economia do mundo. Atualmente, e pela primeira vez em muitos anos, os EUA enfrentam um concorrente capaz de os ultrapassar como a maior potência mundial: a China.

O rápido e constante crescimento económico da China nos últimos 20 anos e o facto deste país assumir um papel fundamental em setores cruciais como o setor têxtil, automóvel e tecnológico, está a colocar a China numa posição privilegiada para se assumir como a próxima potência mundial. Atualmente, este país é líder na indústria de manufatura e tirou o lugar aos EUA como principal parceiro comercial de grande parte dos países do mundo. A China é também o principal motor do crescimento económico mundial e o país que mais investimento estrangeiro atrai já que é sede das empresas mais valiosas do mundo, de acordo com o Fortune's Global 500 (2022).

Por outro lado, o dólar continua a ser a moeda de reserva e a moeda dominante a nível internacional, constituindo cerca de 60% das reservas cambiais. Os EUA mantêm também a liderança em diversos fatores económicos importantes. Nomeadamente, o dólar é a moeda com maior impacto nas transações comerciais internacionais. O mercado das ações dos EUA é também um dos maiores do mundo e os EUA continuam na liderança em investimentos de capital de risco. Importa ainda realçar que a sociedade e cultura norte-americana é a que atrai mais empresários e investidores de todo o mundo, pois os EUA transmitem um pensamento de maior liberdade e sentido de oportunidade como o Sonho Americano

Esta dissertação teve como objetivo primordial fazer uma análise comparativa económica do passado, presente e futuro próximo entre as duas maiores potências económicas. Consideramos que este assunto tem ganho uma maior relevância no panorama atual devido à concorrência crescente entre ambos os países nos últimos anos. Foram analisados indicadores económicos e sociais, o impacto da pandemia de COVID-19 e do conflito russo-ucraniano, a crise da cadeia de abastecimento e a projeção económica dos EUA e da China.

Considerados os fatores e indicadores analisados entre a China e os EUA, nomeadamente o crescimento do PIB em ambos os países, foi possível analisar que apesar do PIB americano ser superior ao chinês está a verificar-se um crescimento significativo do PIB da China anualmente. Um outro indicador importante analisado é o PIB per capita onde existe uma diferença significantes entre os EUA e a China, o PIB *per capita* americano é superior ao do chinês. A Taxa de desemprego é também um outro indicador que demonstra o crescimento económico, neste caso a China tem uma taxa de desemprego inferior à taxa de desemprego dos EUA. O volume de exportações é discrepante quando se compara a China com os EUA, sendo a China o país que mais exporta. Com estes indicadores procuramos responder às seguintes questões levantadas no início

desta dissertação: Poderá a economia chinesa ultrapassar a economia norte-americana? Se sim, quando é que a China será a potência hegemónica mundial? As previsões não são claras nem tão pouco finais em qual o país que poderá ser a próxima potência mundial até 2030. Alguns especialistas (Tunsjø, 2018) e (Lin, 2012), afirmam que a China poderá ser a próxima potência mundial dentro de 8 anos, mas o abrandamento do crescimento por parte deste país em 2021 (The Wall Street Journal) levou alguns a repensar se a China conseguirá ultrapassar os EUA. Por outro lado, estudos já efetuados indicam que o PIB da China irá superar o dos EUA até 2030 (Statistica, 2021) (Banco Mundial, 2022). Porém, as perspectivas económicas da China tiveram um recuo em 2021, sendo que foram adotadas políticas como a de “COVID Zero” como resposta à pandemia de COVID-19 e também políticas para reduzir a especulação imobiliária. Todas estas medidas adotadas prejudicaram o crescimento económico chinês.

Ainda assim, uma das previsões mais recentes, realizada pelo Center for Economics and Business Research, considera que a China poderá ultrapassar os EUA em 2032. Uma outra previsão do Centro Japonês de Pesquisa Económica afirma que, até 2033, a China não deve ultrapassar os EUA.

Como já foi referido, as opiniões divergem e existem também vários economistas que duvidam que a China algum dia ultrapassará os EUA como maior potência mundial.

Lawrence Summers<sup>31</sup> afirma que a China terá muitas dificuldades em destacar-se como a próxima potência porque terá de enfrentar inúmeros desafios, nomeadamente o envelhecimento da população chinesa e a tendência crescente de forte intervenção do Estado em assuntos relacionados com a economia e com os negócios.

Alguns investigadores questionam se algo irá mudar em termos de panorama internacional caso a China ultrapasse os EUA. É certo que a influência que os EUA têm atualmente em vários países é notória, bem como o valor do dólar norte-americano. Aliás, é esperado que o dólar continue a ser a moeda de reserva mundial nos próximos anos.

A ascensão económica por parte da China poderá ser uma grande vitória para o regime político chinês e para toda a sua propaganda. O modelo do regime chinês tem como principal objetivo demonstrar ao mundo e à sua população a sua superioridade face ao Ocidente e à ideologia democrática liberal (Wu, 2018). Caso a China consiga comprovar que os EUA estão em declínio económico e político, poderão verificar-se mudanças na forma como os países se relacionam com os EUA e levar a uma mudança de direção para China e para os mercados chineses.

Economistas como Justin Yifu Lin<sup>32</sup> (2022) mostram-se confiantes com o potencial da China e constataam ainda que o facto de a China possuir uma grande população significa que a economia chinesa acabará por ultrapassar e até ser duas vezes maior do que a economia norte-americana.

---

<sup>31</sup> Ex-Secretário do Tesouro dos EUA (1991-2001) e professor da Universidade de Harvard.

<sup>32</sup> Ex-vice-presidente sénior do Banco Mundial.

Contudo, a China está a viver uma desaceleração económica e está a viver alguma turbulência económica devido ao impacto de determinadas políticas adotadas, nomeadamente a política COVID Zero que provocou uma crise na cadeia de abastecimento, uma crise no imobiliário, o aumento do desemprego jovem, entre outros fatores de instabilidade que podem reduzir o nível de confiança do consumidor.

As expectativas de crescimento anual segundo o Lowy Institute<sup>33</sup> são em média entre 2% a 3% entre os anos 2021 e 2050. Relewa referir que esta previsão é muito abaixo da previsão média de alguns investigadores chineses que consideram que o crescimento anual médio seria entre 4% a 5%. Ainda assim, com a previsão de crescimento entre 2% a 3% ao ano, a China pode superar os EUA.

Como já se viu, atualmente as previsões podem rapidamente ser enviesadas por uma pandemia, catástrofe natural, um conflito armado, entre outros acontecimentos que impactam a normal vivência de um país e de uma sociedade. Estes fatores externos podem rapidamente levar as previsões para outra direção.

Pelos indicadores económicos analisados, podemos concluir que a China tem demonstrado um crescimento muito acima do esperado nos últimos anos, inclusivamente com indicadores económicos com valores superiores aos EUA. Contudo, a pandemia de COVID-19, a crise da cadeia de abastecimento, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, a crise do imobiliário e a desaceleração económica no ano 2021 podem prejudicar seriamente as suas previsões de crescimento económico. Ainda assim, a abertura do BRI e o aumento do volume das transações comerciais em renminbis podem alavancar a economia chinesa.

---

<sup>33</sup> Fonte: <https://www.lowyinstitute.org/about>



## Referências bibliográficas

### Literatura:

- Albert P., Dean Y., Xinzheng S., Yuan J. (2010). Exporting and Firm Performance: Chinese Exporters and the Asian Financial Crisis. *The Review of Economics and Statistics* 2010; 92 (4): 822–842. doi: [https://doi.org/10.1162/REST\\_a\\_00033](https://doi.org/10.1162/REST_a_00033)
- Art, R. J. (2010). The United States and the Rise of China: Implications for the Long Haul. *Political Science Quarterly*, 125(3), 359–391. <http://www.jstor.org/stable/25767046>
- BOEHM, E. A. (2001). The Contribution of Economic Indicator Analysis to Understanding and Forecasting Business Cycles. *Indian Economic Review*, 36(1), 1–36. <http://www.jstor.org/stable/29794223>
- Chan, S. (2012). *Looking for Balance: China, the United States, and Power Balancing in East Asia* (1st ed.). Stanford University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctvqsdp1m>
- Clarke, M. (2017). The Belt and Road Initiative: China's New Grand Strategy? *Asia Policy*, 24, 71–79. <https://www.jstor.org/stable/26403204>
- Crespo, N., & Simoes, N. (Eds.). (2021). *Handbook of Research on the Empirical Aspects of Strategic Trade Negotiations and Management*. IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-7568-0>
- Crespo, N., Simões, N., 2021, *Uma viagem ao mundo das ideias económicas: 100 questões para perceber a economia*. Actual Editora.
- Dahlman, C. J., & Aubert, J.E; 2001, *China and the Knowledge Economy: Seizing the 21st Century*, World Bank Publication.
- Farhi, E. (2019). *Toward a Multipolar System*, IMF Publications
- Foot, R., & Walter, A. (2010). *China, the United States, and Global Order*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511782015
- Gilley, B. (2011). Could China Be the Next Wave? *Current History*, 110(739), 331–333. <http://www.jstor.org/stable/45319066>
- Gregory C. Chow, Capital Formation and Economic Growth in China, *The Quarterly Journal of Economics*, Volume 108, Issue 3, August 1993, Pages 809–842, <https://doi.org/10.2307/2118409>
- Gui D, Wang H, Yu M. Risk Assessment of Port Congestion Risk during the COVID-19 Pandemic. *Journal of Marine Science and Engineering*. 2022; 10(2):150. <https://doi.org/10.3390/jmse10020150>
- Hang, N. T. T. (2017). The Rise of China: Challenges, Implications, and Options for the United States. *Indian Journal of Asian Affairs*, 30(1/2), 47–64. <http://www.jstor.org/stable/26465816>
- Ho, J., Poh, F., Zhou, J., & Zipser, D., 2019, *China consumer report 2020: The many faces of the Chinese consumer*, McKinsey & Company. <https://www.mckinsey.com/featured-insights/china/china-consumer-report-2020-the-many-faces-of-the-chinese-consumer#>
- Jacques, M. (2012). *When China rules the world: The end of the western world and the birth of a new global order*. New York: Penguin Books.

- Kent, P., Haralambides, H. A perfect storm or an imperfect supply chain? The U.S. supply chain crisis. *Marit Econ Logist* 24, 1–8 (2022). <https://doi.org/10.1057/s41278-022-00221-1>
- Liu, M. (2020). China's road to power: what does it really want?: A Chinese perspective on a rising China. *Atlantisch Perspectief*, 44(3), 4–8. <https://www.jstor.org/stable/48600549>
- Lotta, R. (2009). China's Rise in the World Economy. *Economic and Political Weekly*, 44(8), 29–34. <http://www.jstor.org/stable/40278526>
- Massamba, G. M. (2021). "The Era of the Dragon: How China Is Preparing to Be the World's Top Economy in 21st Century." In *Handbook of Research on the Empirical Aspects of Strategic Trade Negotiations and Management*. edited by Crespo, Nuno, and Nadia Simoes, 148-175. Hershey, PA: IGI Global, 2021.
- Naughton, B. (2008). U.S.-China economic relations: evolving rivalry. *Great Decisions*, 77–88. <http://www.jstor.org/stable/43683061>
- Nye, J. (2017). Soft power: the origins and political progress of a concept. *Palgrave Commun* 3, 17008 <https://doi.org/10.1057/palcomms.2017.8>
- Ohashi, H., 2018, "The Belt and Road Initiative (BRI) in the context of China's opening-up policy", *Journal of Contemporary East Asia Studies*, 7:2, 85-103. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/24761028.2018.1564615>
- Richter, F. (2021). "China Is the World's Manufacturing Superpower". *Statistica*.
- Roy, D. (2013). "Return Of The Dragon: Rising China And Regional Security", New York: Columbia University Press.
- Shin, F., 2020, "A Financial Alliance Won't Help China and Russia Dethrone the US Dollar", *The Diplomat*, November 26.
- Shu, Chang and He, Dong and Cheng, Xiaoqiang, One Currency, Two Markets: The Renminbi's Growing Influence in Asia-Pacific (April 2014). BIS Working Paper No. 446, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2457111>
- Tomás, M. J., 2021, "The Era of the Dragon: How China Is Preparing to Be the World's Top Economy in 21st Century." In *Handbook of Research on the Empirical Aspects of Strategic Trade Negotiations and Management*. edited by Crespo, Nuno, and Nadia Simões, 176-195. Hershey, PA: IGI Global, 2021. [<http://doi:10.4018/978-1-7998-7568-0.ch009>]
- Tunnsjø, Ø. (2018). *The Return of Bipolarity in World Politics: China, the United States, and Geostructural Realism*. New York Chichester, West Sussex: Columbia University Press. <https://doi.org/10.7312/tuns17654>
- Väyrynen, R. (1995). Bipolarity, Multipolarity, and Domestic Political Systems. *Journal of Peace Research*, 32(3), 361–371. <http://www.jstor.org/stable/425670>
- Waltz, K. N. (1964). The Stability of a Bipolar World. *Daedalus*, 93(3), 881–909. <http://www.jstor.org/stable/20026863>



Wu, Lunting. (2018). China and Global Governance under Xi Jinping Problematizing China's Leadership through the Belt and Road Initiative. Dissertação de Mestrado. ISCSP.

## Documentos Eletrónicos:

Banco Central Europeu – Em que consiste a inflação (Consulta no dia 28/05/2022):

<https://www.ecb.europa.eu/ecb/educational/hicp/html/index.pt.html>

Banco de Portugal - O que é a dívida pública (Consulta no dia 28/05/2022):

<https://www.bportugal.pt/page/o-que-e-divida-publica>

BRI: Bringing Opportunities and Benefits to the World (Consulta no dia 26/08/2022):

[http://www.chinatoday.com.cn/ctenglish/2018/et/202205/t20220510\\_800292807.html](http://www.chinatoday.com.cn/ctenglish/2018/et/202205/t20220510_800292807.html)

BRICS' reserve currency: An attempt to reduce the dollar's dominance? (Consulta no dia 3/09/2022):

<https://www.orfonline.org/expert-speak/brics-reserve-currency/>

Bureau of Economics Analysis. U.S. Department of Commerce. (Consultado no dia 15/10/2022):

<https://www.bea.gov>

China 2030 (Consulta no dia 21/08/2022):

<https://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/document/China-2030-complete.pdf>

China and the knowledge economy – Seizing the 21st century (Consulta no dia 25/01/2022):

<https://documents1.worldbank.org/curated/en/597311468221378343/pdf/multi0page.pdf>

China and the world. (2019) Mckinsey Global Institute:

<https://www.mckinsey.com/~media/mckinsey/featured%20insights/china/china%20and%20the%20world%20inside%20the%20dynamics%20of%20a%20changing%20relationship/mgi-china-and-the-world-full-report-june-2019-vf.ashx>

China's Belt and Road Initiative in the Global Trade, Investment and Finance Landscape (Consulta no dia

28/08/2022): <https://www.oecd.org/finance/Chinas-Belt-and-Road-Initiative-in-the-global-trade-investment-and-finance-landscape.pdf>

China's Economy Could Overtake US Economy by 2030 (Consulta no dia 15/02/2022):

<https://www.voanews.com/a/chinas-economy-could-overtake-us-economy-by-2030/6380892.html>

China: Epicenter of the Supply Chain Crisis (Consulta no dia 28/06/2022):

<https://prospect.org/economy/china-epicenter-of-the-supply-chain-crisis/>

China GDP Annual Growth Rate (Consulta no dia 14/10/2022): <https://tradingeconomics.com/china/gdp-growth-annual>

China's Economy Won't Overtake the U.S., Some Now Predict (Consulta no dia 01/10/2022):

<https://www.wsj.com/articles/will-chinas-economy-surpass-the-u-s-s-some-now-doubt-it-11662123945>

China's Growth Prospects Weaken as Economists Cut 2023 Forecasts (Consulta no dia 03/09/2022):

<https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-08-28/china-s-growth-prospects-weaken-as-economists-cut-2023-forecasts?leadSource=verify%20wall>

China is building a yuan currency reserve to compete with the dollar and prop up other economies facing volatility (Consulta no dia 22/07/2022): <https://news.yahoo.com/china-building-yuan-currency-compete-152451578.html>

China's yuan is reportedly replacing the dollar and euro in Russian bank accounts (Consulta no dia 09/08/2022): <https://www.businessinsider.co.za/dollar-vs-yuan-russian-bank-accounts-chinese-currency-ukraine-sanctions-2022-4>

China–Japan relations after RCEP (Consulta no dia 26/05/2022): <https://www.eastasiaforum.org/2022/05/03/china-japan-relations-after-rcep/>

China moots yuan pooling scheme to counter US dollar dominance (Consulta no dia 09/08/2022): [https://economictimes.indiatimes.com/news/international/business/china-moots-yuan-pooling-scheme-to-counter-us-dollar-dominance/articleshow/92513304.cms?utm\\_source=contentofinterest&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=cppst](https://economictimes.indiatimes.com/news/international/business/china-moots-yuan-pooling-scheme-to-counter-us-dollar-dominance/articleshow/92513304.cms?utm_source=contentofinterest&utm_medium=text&utm_campaign=cppst)

China's yuan liquidity reserve pool highlights efforts to loosen US dollar hegemony (Consulta no dia 11/08/2022): <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3183242/chinas-yuan-liquidity-reserve-pool-highlights-efforts-loosen>

China: Statistics and Facts (Consulta no dia 08/07/2022): <https://www.statista.com/topics/753/china/>

China's Overseas Investments, Explained in 10 Graphics (Consulta no dia 13/06/2022): <https://www.wri.org/insights/chinas-overseas-investments-explained-10-graphics>

Chinese property developers accept garlic for homes in market crisis (Consulta no dia 13/09/2022): <https://www.ft.com/content/2eef1d78-3c38-4065-b6dc-a8ba061d3483>

Cold War and Global Hegemony, 1945-1991 (Consulta no dia 26/98/2022): <https://apcentral.collegeboard.org/series/america-on-the-world-stage/cold-war-and-global-hegemony-1945-1991>

Cold War History (Consulta no dia 26/98/2022): <https://www.history.com/topics/cold-war/cold-war-history>

Could China's Yuan replace the U.S. dollar as the world's dominant currency? Here's how the Asian nation's trade supremacy is rapidly boosting its reserve status (Consulta no dia 02/09/2022): <https://finance.yahoo.com/news/could-china-yuan-replace-u-194500498.html>

Countries of the Belt and Road Initiative (BRI) (Consulta no dia 05/09/2022): <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>

DES - Direito Especial de Saque (Consulta no dia 04/09/2022): <https://enfin.com.br/termo/des-direito-especial-de-saque-8r2ma4he>

Dicionário financeiro (Consulta no dia 28/05/2022): <https://www.dicionariofinanceiro.com/just-in-time/>

Doing without the dólar (Consulta no dia 01/08/2022): <https://asiatimes.com/2022/04/doing-without-the-dollar/>

Economias – O que é uma startup unicórnio (Consulta no dia 21/03/2022):

<https://www.economias.pt/startup-unicornio/>

Economia (Consulta no dia 21/03/2022): [https://www.rtp.pt/noticias/economia/pressao-dos-eua-forca-gigantes-da-tecnologia-a-deslocar-producao-da-china\\_n1265466](https://www.rtp.pt/noticias/economia/pressao-dos-eua-forca-gigantes-da-tecnologia-a-deslocar-producao-da-china_n1265466)

Economia e negócios – O que é reshoring (Consulta no dia 21/03/2022): <https://economiaenegocios.com/reshoring/>

Estados Unidos da América (Consulta no dia 21/01/2022): <https://www.statista.com/topics/760/united-states/>

‘Financial monsters’: China’s bad banks complicate property crisis: (Consulta no dia 08/08/2022): <https://www.ft.com/content/261b87c3-2eba-42d5-ac7a-f7c3f8bbd7d8>

Forecast 2025: China Adjusts Course (Consulta no dia 21/03/2022): <https://macropolo.org/analysis/forecast-china-2025-adjusts-course/>

FRED Economic Data (Consulta no dia 25/02/2022): <https://fred.stlouisfed.org/series/EXCHUS>

GDP growth (GDP per capita growth), The World Bank (Consulta no dia 15/10/2022): <https://databank.worldbank.org/metadataglossary/statistical-capacity-indicators/series/5.51.01.10.gdp>

Geopolítica: uma nova ordem global? (Consultado no dia 23/10/2022): <https://www.ffms.pt/pt-pt/atualmentes/geopolitica-uma-nova-ordem-global>

How the RCEP Has Benefitted China: Initial Findings from 2022 (Consulta no dia 27/06/2022): <https://www.china-briefing.com/news/how-has-the-rcep-benefitted-china-findings-from-the-initial-months-of-operation-2022/>

How the U.S. Dollar Became the World's Reserve Currency (Consulta no dia 01/08/2022): <https://www.investopedia.com/articles/forex-currencies/092316/how-us-dollar-became-worlds-reserve-currency.asp>

Indicadores: China e Estados Unidos (Consulta no dia 12/11/2021): <https://www.statista.com>

INE: Como se calcula o PIB (Consulta no dia 12/11/2021): [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE)

Mercator Institute for China Studies – Belt and Road reality check (Consulta no dia 24/06/2022): <https://merics.org/en/analysis/belt-and-road-reality-check-how-assess-chinas-investment-eastern-europe>

Modi at Quad summit: The China factor’s in Delhi’s Indo – Pacific strategy (Consulta no dia 21/03/2022): <https://www.bbc.com/news/world-asia-india-58662655?fbclid=IwAR1WZGbkK5qA-QCERtNvUmeTUU7qpJN5IPqNELrNbAbGftqTAlfpXli7UaA>

New pact set to spur China-Japan commerce (Consulta no dia 23/02/2022): [http://english.www.gov.cn/news/international/exchanges/202201/04/content\\_WS61d39c16c6d09c94e48a3197.html](http://english.www.gov.cn/news/international/exchanges/202201/04/content_WS61d39c16c6d09c94e48a3197.html)

Nearshoring – O que é (Consulta no dia 21/03/2022): <https://trabalhador.pt/nearshoring-o-que-e->

[beneficios-e-desvantagens/](#)

No more US dollars? Ukraine war could change the global monetary system of 75 years (Consulta no dia 01/05/2022): <https://theprint.in/opinion/no-more-us-dollars-ukraine-war-can-change-global-monetary-system/914251/>

OECD cuts forecasts into 2023, with Ukraine crisis cited as growth drag (Consulta no dia 25/04/2022): <https://theprint.in/opinion/no-more-us-dollars-ukraine-war-can-change-global-monetary-system/914251/>

O que é a inflação? Banco de Portugal. (Consulta no dia 15/10/2022): <https://bpstat.bportugal.pt/conteudos/paginas/1492>

Pound Sterling (GBP) Consulta no dia 06/07/2022): <https://corporatefinanceinstitute.com/resources/knowledge/finance/pound-sterling-gbp/>

Relatório de Desenvolvimento Humano 2019 (Consulta no dia 14/11/2021): [https://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/hdr\\_2019\\_pt.pdf](https://www.cnedu.pt/content/noticias/internacional/hdr_2019_pt.pdf)

Some Economists Rethink When, if Ever, China Will Pass U.S. in GDP (Consulta no dia 18/09/2022): <https://www.bangkokpost.com/business/2384250/some-economists-rethink-when-if-ever-china-will-pass-u-s-in-gdp>

Statistica – GDP China (Consulta no dia 02/02/2022): <https://www.statista.com/statistics/263775/gross-domestic-product-gdp-per-capita-in-china/>

Statistica – GDP United States /Consulta no dia 02/02/2022): <https://www.statista.com/statistics/263601/gross-domestic-product-gdp-per-capita-in-the-united-states/>

The dollar's reserve status has taken a hit in recent years, while China's yuan has seen its share rise, JPMorgan finds (Consulta no dia 01/05/2022): <https://markets.businessinsider.com/news/currencies/dollar-vs-yuan-us-currency-reserve-status-falls-china-rises-2022-4>

The Great Economic Rivalry: China vs the U.S. (Consulta no dia 20/09/2022): <https://www.belfercenter.org/publication/great-economic-rivalry-china-vs-us>

The History of U.S. Currency (Consulta no dia 04/08/2022): <https://www.uscurrency.gov/history>

The strategic reverberations of the AUKUS deal will be big and lasting (Consulta no 03/06/2022): [https://www.economist.com/international/2021/09/19/the-strategic-reverberations-of-the-aukus-deal-will-be-big-and-lasting?utm\\_campaign=editorial-social&utm\\_medium=social-organic&utm\\_source=facebook&fbclid=IwAR1C0xyCj0m4IOGDnJQf8H4YD1NsZG11uR4Hd-w7NTsC88QHy3eqsM2n-cl](https://www.economist.com/international/2021/09/19/the-strategic-reverberations-of-the-aukus-deal-will-be-big-and-lasting?utm_campaign=editorial-social&utm_medium=social-organic&utm_source=facebook&fbclid=IwAR1C0xyCj0m4IOGDnJQf8H4YD1NsZG11uR4Hd-w7NTsC88QHy3eqsM2n-cl)

The Supply Chain Crisis Is About to Get a Lot Worse (Consulta no dia 28/07/2022): <https://www.wired.com/story/supply-chain-crisis-data/>

The worst stock selloff in half a century might not be done yet (Consulta no dia 04/08/2022): <https://economictimes.indiatimes.com/markets/stocks/news/the-worst-stock-selloff-in-half-a-century->

[might-not-be-done-  
yet/articleshow/92619542.cms?utm\\_source=contentofinterest&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=cp  
pst](https://statisticstimes.com/demographics/china-vs-us-population.php)

United States vs China by population (Consulta no dia 14/10/2022):  
<https://statisticstimes.com/demographics/china-vs-us-population.php>

U.S. Bureau of Labor Statistics (Consultado no dia 16/10/2022): <https://www.bls.gov>

Weaponisation Of The Dollar And The End Of Its Role As The Global Reserve Currency (Consulta no dia 02/05/2022): <https://swarajyamag.com/world/weaponisation-of-the-dollar-and-the-end-of-its-role-as-the-global-reserve-currency>

What is the Pound Sterling (GBP) (Consulta no dia 27/06/2022):  
<https://corporatefinanceinstitute.com/resources/knowledge/finance/pound-sterling-gbp/>

What is China's Belt and Road Initiative (BRI)? (Consulta no dia 02/09/2022):  
<https://www.chathamhouse.org/2021/09/what-chinas-belt-and-road-initiative-bri>

What is the Unemployment Rate? (Consulta no dia 15/10/2022): <https://www.focus-economics.com/economic-indicator/unemployment-rate>

When did the dollar overtake sterling as the leading international currency? Evidence from the bond markets (Consulta no dia 04/04/2022): <https://voxeu.org/article/when-did-dollar-overtake-sterling-leading-international-currency-evidence-bond-markets>

Xi Jinping apela à adesão ao marxismo pelo "rejuvenescimento da nação chinês". Jornal Expresso, 2021 (Consulta no dia 15/10/2022): <https://expresso.pt/internacional/2021-06-29-Xi-Jinping-apela-a-adesao-ao-marxismo-pelo-rejuvenescimento-da-nacao-chinesa-499ebb3b>